

# ILUSTRAÇÃO

:: Ano VI ::  
Número 126



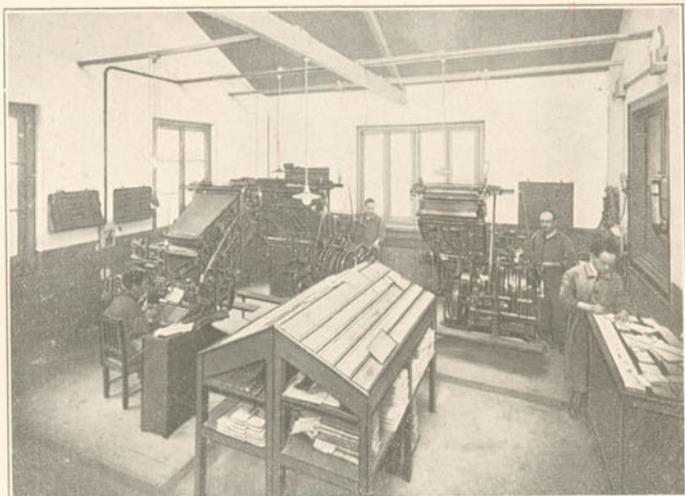
Retrato da menina Ana Alice Pombal da Ponte e Sousa

(Foto Hércules de Noroia)



LISBOA, 16 DE MARÇO DE 1931

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



Sala das máquinas "Linotype"

# Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30  
LISBOA

TRICROMIA  
DESENHO  
TRABALHOS DE  
GRANDE ARTE  
TRABALHOS  
COMERCIAIS  
INEXCEDIVEL  
PERFEIÇÃO  
ORÇAMENTOS  
GRATIS

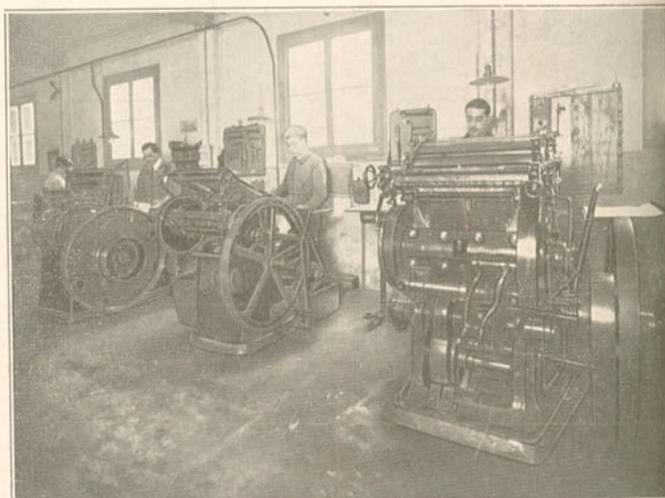
As mais modernas instala-  
ções do paiz e aquelas  
que maior capacidade de  
produção possuem ~ ~ ~

SECCÃO ESPECIAL  
DE PUBLICAÇÕES  
PERIÓDICAS ULTRA-  
- - - RÁPIDAS - - -

COMPOSIÇÃO MECANICA

E' nas oficinas desta Socie-  
dade que se imprimem to-  
dos os belos trabalhos  
gráficos de

Ilustração, Magazine  
Bertrand, O Volante,  
Historia da Literatura  
Portuguesa (Ilustrada),  
O Comercio Português,  
Revista Aéronáutica  
Almanach Bertrand



Uma fase da oficina de impressão

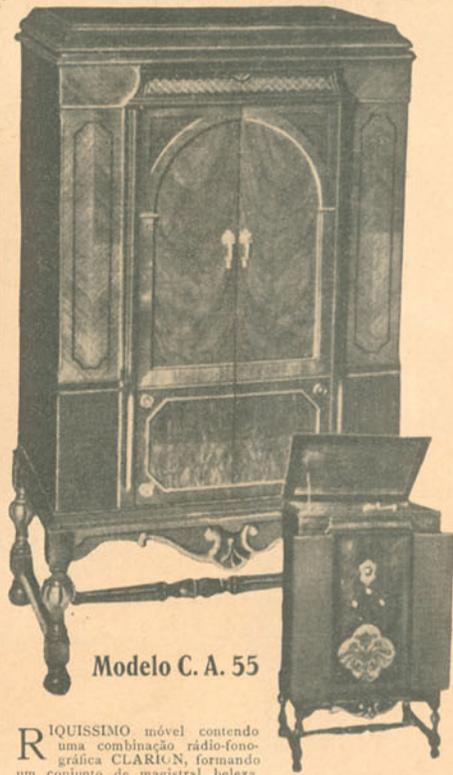
# Clarion

## CA 55

A  
MELHOR

COMBINAÇÃO

RADIO  
FONICA



Modelo C. A. 55

R IQUISSIMO móvel contendo uma combinação rádio-fonográfica CLARION, formando um conjunto de magistral beleza.

Chassis CLARION, normal. Alto-falante electro-dinâmico. Reprodutor electro-magnético e motor eléctrico fonográfico. Verdadeiramente, um maravilhoso instrumento. Completo: 7.800\$00

(Altura 1<sup>m</sup>,12; Largura 0<sup>m</sup>,69; Fundo 0<sup>m</sup>,43)

A maior novidade literária do momento é:

LOUIS-CHARLES ROYER



## NO PAÍS DA GENTE NUA

Grande reportagem ilus-  
trada pela fotografia

Pedidos às LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

**73, Rua Garrett, 75 - LISBOA**

## A Alta Sociedade Europeia e os Produtos

# NALLY

Autógrafo extraído do «Livro de Ouro»  
de NALLY da Senhora Condessa Gina  
Mariotti:

Les parfumes Nally synthétisent  
le plaisir de vivre tant leurs  
senteurs profondes évoquent  
la forêt printanière.  
Comtesse Gina Mariotti  
12 Avul 1930.

**Tradução:**

«Os perfumes NALLY sintetizam o prazer de viver, tanto os seus profundos aromas evocam a floresta primaveril».

Os PRODUTOS NALLY, de perfumaria e beleza, obtiveram de Rainhas, Princesas e Aristocratas referências únicas até hoje, EM TODO O MUNDO!

Jámais outros quaisquer produtos conseguiram a pública apreciação de Senhoras de tão elevada estirpe e requintada elegância, e isso, só por si, coloca a marca NALLY acima de qualquer outra, por maior e mais justificada que seja a sua fama.

ILUSTRAÇÃO  
4

**Bolachas**

**Nacional**

**a grande  
m a r c a  
portuguesa**

*Variadas e Saborosissimas Qualidades  
Um Unico Fabrico: O Melhor*

**O UNICO TRATAMENTO RACIONAL DOS CABELOS BRANCOS**



**Não é uma tintura** **Não é um regenerador**

É o alimento que os vossos cabelos brancos reclamam para voltar à sua cor primitiva, que tenham sido loiros, castanhos ou pretos.

**O AZEITE VEGETAL PERFUMADO A. S. O.** rejuvenesce de 20 anos, após alguns dias de uso.

A VERDA NOS PRINCIPAIS ESTABELECIMENTOS AO PREÇO DE Esc 25000

SOCIEDADE DE PRODUCTOS FARMACÉUTICOS, L.<sup>da</sup>  
Rua Jardim do Regedor, 21 - LISBOA

**CERESIT**

(LEGITIMO W. B. W. ALEMANHA)

Unico hidrofugo garantido contra:

**HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE**

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Suer.

GALERIA DE PARIS, 42. — PORTO

Depositarios em Lisboa: S. RAMOS LDA.—Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS

**NOVIDADE SENSACIONAL**

Com o **PENTE ONDULADOR** transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida, utilizando sempre o



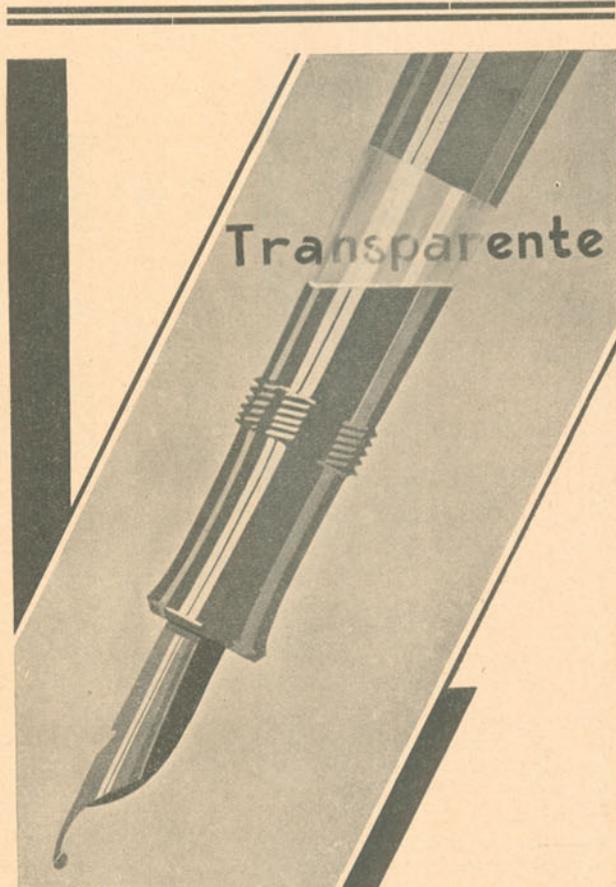
**PREÇO** 15000

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembaraçador), pentear com a cabeça ainda humida, com o **Pente Ondulador**, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior.

Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda: **Academia Científica de Beleza**

**M. me Campos** Avenida da Liberdade, 35 LISBOA



Transparente é o espaço de tinta da caneta-tinteiro "Pelikan"; sabe-se sempre quando deve-se encher a novamente. Presta-se a toda calligraphia. Num tamanho só; sempre da mesma qualidade. Um preço:

Esc. 900-

**Pelikan**  
para todo o mundo

GUNTHER WAGNER, HANNOVER

A venda nas casas do ramo

# Bolachas

# Nacional

a grande  
m a r c a  
portuguesa

MAGAZINE  
BERTRAND

CONTINUA A MANTER

A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE MARÇO

## DITAMES E DITERIOS

por ALFREDO DA CUNHA

EDIÇÃO ARTÍSTICA

2.º volume — 15\$00

1.º e 2.º volumes — 25\$00

*Desta obra escreveu João Grave:*

«Sou de há muito um autêntico apaixonado de tudo quanto se refere a «Ditados», desde os dos velhos cancioneiros, desde os do Marquês de Santillana...

«Mas tê-los agora a muitos, a muitíssimos dêles, interpretados, glosados com fina ironia, em belos versos fluentes, em tôdas as rimas, nos mais variados metros, e tudo, a demais, numa linguagem correctíssima, em que o apuro da forma é insuperável — eis o que é de admirar — e de agradecer.

«Ditames e Diterios» ficará clássico no capítulo tão interessante da literatura em que se enquadra.

«Livro encantador, que queremos ler a fugir, mas que temos de ler pausadamente para meditar na graça, no propósito, na filosofia prática que nos diverte e instrui».

À VENDA NAS LIVRARIAS

E NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

# Beleza e juventude



se intentam conseguir por muitos meios, mas raras vezes se ataca o mal pela raiz. As dores de todas as especies, as de cabeça, enxaquecas, nevralgias e incomodos mensaes das Senhoras vão fazendo os seus estragos. Uma ruga atraz d'outra se vão gravando no rosto, os olhos perdem o seu brilho, posto que cada sofrimento produz ao mesmo tempo uma depressão de animo.

Tenhamos, pois, o cuidado de ter á mão a **CAFIASPIRINA** que não só afugenta as dôres, como possui tambem a acção reanimadora e estimulante da cafeina, obtendo-se com ella o bem estar e a satisfação que ajudam V. Exa. a conseguir a beleza e a juventude.

Tome, pois, Cafiaspirina.

Não afecta o coração nem os rins.



## Depois das Compras

subsiste talvez uma leve sensação de cansaço, ou mesmo, tendencia para dores de cabeça. Para afastar a fadiga e restaurar o seu bem estar beba uma chavena d'esse nectar que refresca, estimula e delicia.



## CHÁ HORNIMAN

Sómente em pacotes de 14-50-125 e 250 gramas.



Encontra-se á venda o

# Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

## Unico no seu genero em Portugal

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa. — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO. — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado ... **10\$00**  
Encadernado luxuosamente ... **18\$00**

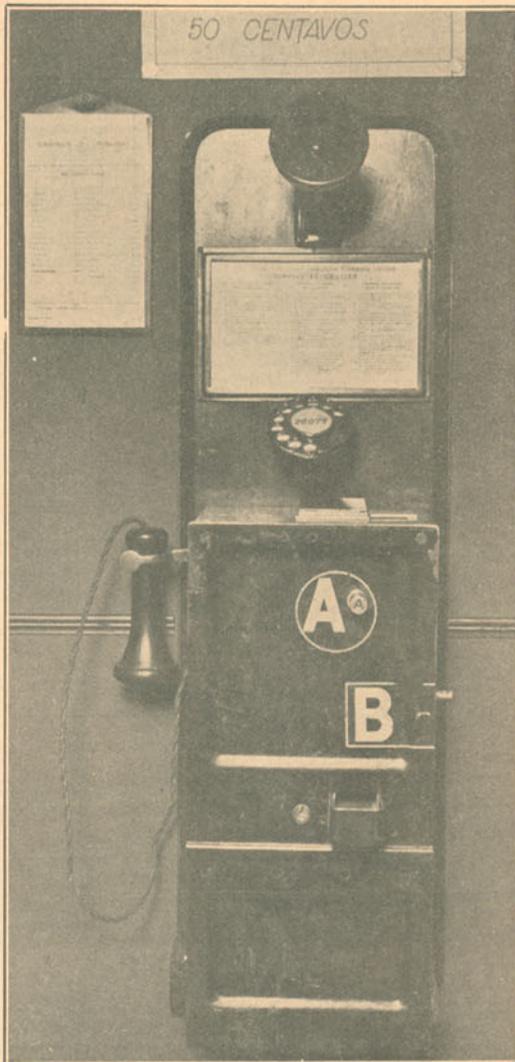
**À venda em todas as livrarias**

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 = LISBOA

32.º — ANO — 1931



Do Rocio a Belem . . . . . \$50 centavos  
 Do Poço do Bispo a Algés . . \$50 ,,  
 Do Campo Grande á Ajuda. . \$50 ,,  
 Da Graça á Estrela. . . . . \$50 ,,

**DE QUALQUER PONTO  
 DA CIDADE A OUTRO  
 EM 1 MINUTO POR  
 \$50 CENTAVOS**

O meio mais facil de comunicar  
 O meio mais rapido de comunicar  
 O meio mais economico de comunicar

**Há em Lisboa 350 cabines publicas**  
**Há nos arredores 300 cabines publicas**

Criai o habito de falar ao telefone. A Companhia todos os dias coloca novos telefones para todos aqueles que não podem ainda ter telefone privativo, apesar do seu reduzido preço; são os telefones publicos em todas as ruas, em todas as praças, em todos os locais

Preferi as Cabines Silenciosas, ao abrigo dos indiscretos; automaticas, nas quais basta deitar **\$50 centavos** para se ter a cidade toda ao nosso alcance

Este é um anúncio da  
**ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE Company**  
 Rua Nova da Trindade, 43 - LISBOA

# ILUS TRA ÇÃO

Ano VI ————— N.º 126

16 de Março de 1931

Director-Delegado: José Carlos da Silva  
Director: João de Sousa Fonseca  
Editor: Francisco Amaro

Redacção: RUA CECILIO DE SOUSA, 77, 1.º —  
Telef. 2 1467 ... Composição e impressão  
RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 ...  
Assinaturas e Administração: RUA DO DIÁRIO  
DE NOTÍCIAS, 78 — Telef. 2 3132 ... Publi-  
cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 ...  
Propriedade e edição de Aillaud, Ltd. e Em-  
presa Nacional de Publicidade — LISBOA.



**3 AZES....** Curiosa fotografia, bem sensacional, tirada a bordo do *Mauretania*, em que se vêem Charlie Chaplin, o genial artista, amigo de G. B. Shaw, recebido na Câmara Inglesa, considerado, mundialmente, o mais espantoso *mimo* de todos os tempos e que, há poucos dias, um infeliz cinéfilo insultava num jornal português; Steve Donoghoe, o rei dos *jockeys*, e Malcolm Campbell, o *recordman* mundial da velocidade em automóvel, isto é, uma «trempe» famosa pelo que vale e pelo que ganha...  
(Foto Orrios).

## CRÓNICA DA QUINZENA

**F**ALEMOS, tristemente, da mocidade de hoje, em Portugal. E é, na verdade e sobretudo triste falar dela. Onde está?... Onde existe?... Para que iniciativas generosas ou rebeldes, ou ainda loucas, desvairadas, mas moças, surge essa rapaziada nova das escolas e oficinas? Em Espanha, aqui ao lado, o papel das mocidades pode ser discutível, mas *sente-se* a sua acção de magnífico arrebatamento. E mesmo que queiramos condenar as suas rapaziadas sem orientação, não podemos deixar de conceder a nossa admiração ao seu gesto magnífico de impor, pessoalmente, directamente, a demissão, aos mestres, de qualquer ideologia política, que *não sabem ou não ensinam!*... Que mais se pode pedir a uma juventude de estudantes?... Pois por aqui, infelizmente, não se descortina rasgo que comova. A mocidade das escolas não vive as horas de inquietação

espiritual que o momento universal reclama. Perde-se em vãs manifestações de rituais bafiosos que, essas mesmas, são despiques de outras manifestações retóricas mais ridículas que os fúnebres atavios que adoptam os homens de amanhã. Como actividade intelectual, alguma folha de gritaria arruaceira ou manifesto apelianado e com escassa gramática. E isto, porque não valha, mais um pouco, a rapaziada de sangue na guelra que pulula nas escolas portuguesas?

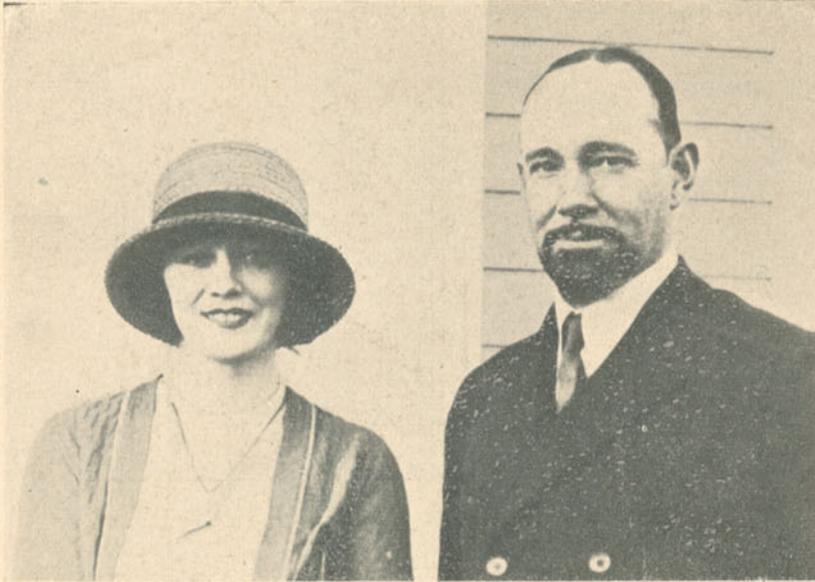
Não o podemos crer. Apenas porque uma voz autorizada ainda os não despertou para a vida espiritual e social em que têm de mergulhar apaixonadamente, como homens que hão de governar e orientar o país para um campo de experiências mais do seu tempo do que aquele que, infelizmente, ainda vamos agricultando escassamente...

AMÂNCIO CABRAL.



### UMA GRANDE BURLA

ESTAMOS na época dos grandes logros internacionais. E depois de Alves Reis, de Marta Hanau e de Ous-trie, aparece agora a Irmã Madalena, superiora das Carmelitas de Malines (França) que foi confundida ao tribunal inermemente de burlas no valor de 25 milhões e que vemos, na nossa foto, à saída do Palácio de Justiça para recolher ao cárcere.  
(Foto Orrios)



## WILKINS VAE AO POLO

O arrojado explorador Wilkins vai tentar, pela primeira vez, a viagem ao Polo Norte em submarino e será acompanhado por sua esposa, que se vê com ele, na foto à esquerda.

(Foto Orrios)

## O PROBLEMA NAVAL

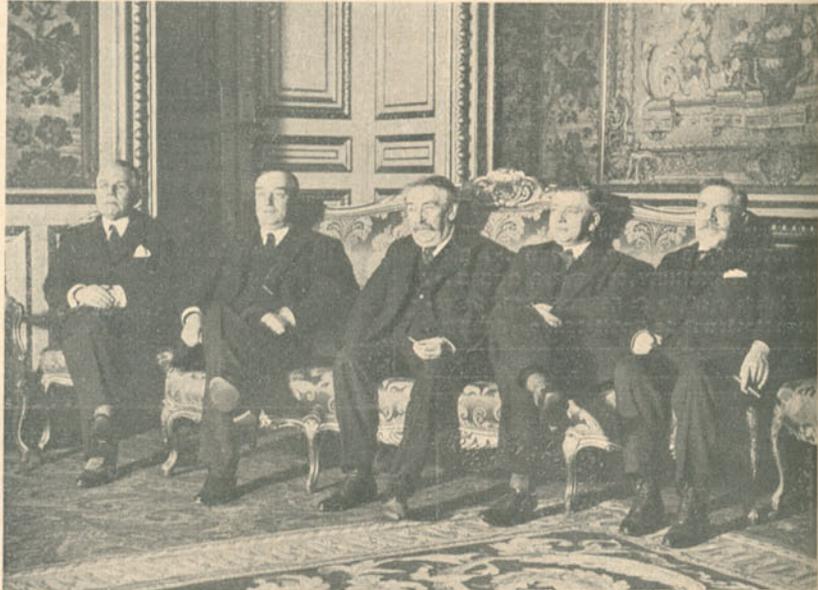
A Conferência Franco-Britânica reunida em Paris parece ter resolvido, por fim, o perigoso Problema Naval. A foto, em baixo, representa Lord Tyrell, embaixador de Inglaterra em Paris, Henderson, ministro dos Estrangeiros inglês, Briand, ministro dos Estrangeiros da França, Lord Alexander, Primeiro Lord do Almirantado e Dumont, ministro da Marinha, francês, no Quai d'Orsay, durante os trabalhos.

(Foto Orrios)

## LADY OWEN

O tribunal de Versaillles acaba de condenar a uma pena de prisão celular a linda francesa que, pelo casamento, adquiriu o título de Lady Owen. A ré era inculpada de assassinato de M.<sup>o</sup> Gastaud, esposa do conhecido cirurgião Gastaud, amante de Lady Owen e que, assim, a criminosa queria livrar de peças para que, com ele, pudesse casar. A nossa foto é a única obtida de Lady Owen em plena audiência, no banco dos réus.

(Foto Orrios)



## ITALIA- FRANÇA

Depois da conferência de Paris sobre o Problema Naval, os delegados ingleses dirigiram-se a Roma onde obtiveram novo triunfo em negociações que garantem a paz da Europa neste momento pela reconciliação da Itália com a França. A foto mostra Henderson e Alexander, à chegada a Roma, recebidos por Grandi, o chanceler fascista (o último da direita).

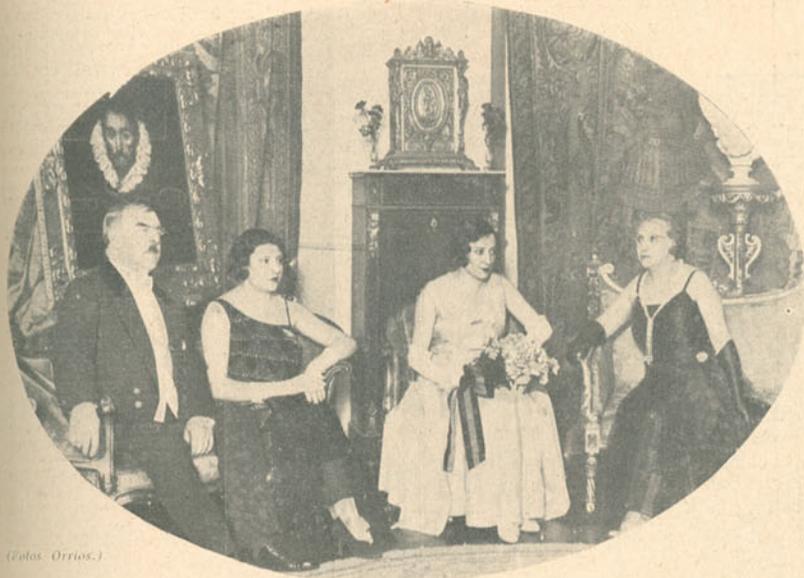
(Foto Orrios)



**VEJAM!..**

**FESTAS DIPLO-  
MATICAS**

N<sup>a</sup> Embaixada de Portugal em Madrid, o sr. Melo Barreto e a senhora de Melo Barreto, ofereceram uma festa em honra de SS. AA. os Infantes D. Fernando de Baviera e Duquesa de Talavera, que se vêem na foto da direita com o Almirante Aznar, chefe do Governo, general Ponte, o filho de S. A. e os ilustres diplomatas portugueses. No oval de baixo, o sr. Embaixador e a sr.<sup>a</sup> Embaixatriz com a ilustre cantora Felisa Herrero, que deu um aplaudido concerto durante a festa e a formosa irmã da artista.



(Colas Orrios.)

**A MORTE DE  
FERREIRA  
DO AMARAL**



Como desenlace fatal de cruel doença surgiu a morte a vencer um bravo soldado da África e da Flandres, carácter íntegro e de uma só face, o coronel Ferreira do Amaral, comandante da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, a quem a cidade, agradecida pela sua abnegada acção em pró da ordem social, ainda há pouco homenageou calorosamente.

Com Ferreira do Amaral desaparece uma das figuras mais singulares do nosso exército pela bravura e pela sinceridade.

**NA ASSOCIAÇÃO  
CRISTÃ DA  
MOCIDADE**

Grupo de ilustres personalidades que assistiram ao banquete oferecido, há dias, pela prestimosa e benemérita Associação Cristã da Mocidade, como pretexto para uma visita às instalações magníficas desta obra de tão alto alcance social.





**As homenagens a Gustavo de Mattos Sequeira**

O ilustre jornalista, prestigioso escritor e arqueólogo e alto funcionário das Alfândegas, Gustavo de Mattos Sequeira, ao reassumir a sua actividade profissional de que esteve afastado por algum tempo, tem recebido as mais calorosas homenagens. A nossa foto, em que o ilustre homem de letras está junto de mestre Brito Camacho, representa a homenagem prestada pelos profissionais da Imprensa, de cujo Sindicato Mattos Sequeira foi eleito presidente

(Foto H. de Novais)

**Ilídio Nunes**

Na Grémio do Minho realizou-se uma homenagem justíssima ao grande português Ilídio Nunes, que, em terras do Brasil, tão grande papel tem representado na benemérita missão de assistência aos repatriados. A mesa e o dr. Nuno Simões, ilustre orador, que pronunciou o elogio do homenageado

(A direita)



**Grémios regionais**

As direcções dos vários grémios regionalistas que, prestimosamente, se têm fundado em Lisboa, empenhados na altíssima aspiração de criar, na capital, um grémio de «Bairro-Regional» em que os seus organismos tivessem sédes próprias e características, avistaram-se com o sr. ministro do Interior, a quem expuseram a sua pretensão

(Em baixo)



PORTU-  
GUESES  
NA  
ÍNDIA

Os ilustres portugueses Prof. Alberto Martins, cap. Hídio Coelho e tenente Pereira fundaram um prestimoso grupo de escoteiros em Pangim (Índia Portuguesa), de que é chefe o tenente Paulino e cuja foto reproduzimos à direita.



BELESA  
CANINAS

No original concurso de beleza canina de Berlim, ganharam os prémios, respectivamente, das categorias «A menina e o cão» e «A senhora e o cão», Ilse Bulke e o seu Uhländ tigrado, e a cantora Maria Finger com o seu Africanus, formoso cão negro e branco

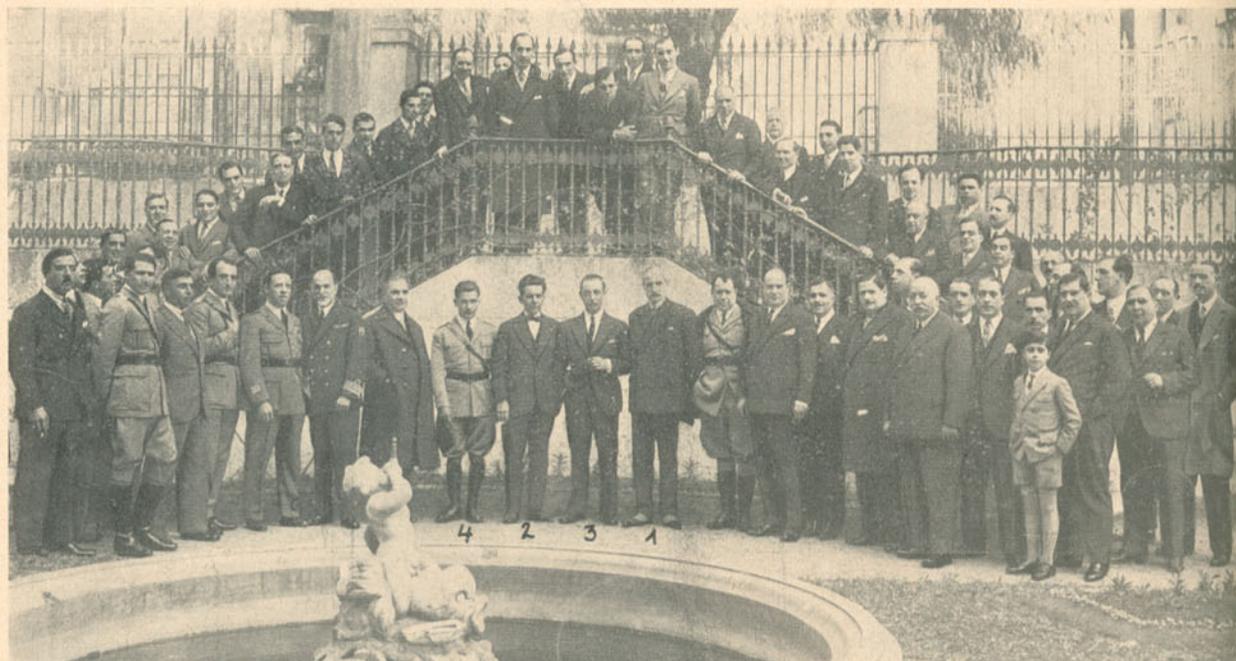
(Fotos - Orrios.)



EDUCA-  
ÇÃO  
FEMININA

Lindo grupo de formosas alunas do Liceu Feminino Maria Amélia Vaz de Carvalho, de Lisboa, durante as últimas festas solenes ali realizadas.

(Foto Serra Ribeiro)



**AS HOMENAGENS A CARLOS BLECK E TENENTE CRUZ**

As homenagens aos intrépidos aviadores do arado Lisboa-Luanda-Lisboa em avioneta, continuam calorosas e espontâneas. Em cima, a festa oferecida pelo Automóvel Club, vendo-se o general Vieira da Rocha, Director da Aeronáutica (1), o ilustre major Jorge de Castello (2), que deu o nome ao avião, Bleck (3) e Cruz (4), rodeados de sócios daquela agremiação. Em baixo, nos ovas, a mesa que presidiu e a assistência à festa promovida pela Escola Académica, da qual Bleck foi aluno. — (Fotos H. de Novais)



**JORNALISTAS EXTRANGEIROS EM ESPANHA**

O conde de Romanones, arguto político do país vizinho, ministro dos Estrangeiros do gabinete Aznar, reuniu os jornalistas representantes de periódicos estrangeiros em Madrid para, depois de lhes oferecer um almoço, lhes comunicar que fóra levantada a censura telegráfica aos seus despachos de correspondentes. No grupo, vêem-se o conde de Romanones (1), o ilustre escritor e nosso amigo Alvarez del Vayo (2) e o nosso querido relactor-correspondente, em Madrid, Noveis Teixeira (3)

(Foto Orrios)



# ÉCOS DAS FESTAS DA MI-CARÊME



A ROUVAMOS duas notas interessantes da Mi-Carême lisboeta. *À esquerda, no oval, assistência ao baile da Liga Naval e no oval de cima, uma linda sena, a menina Hortense Zéa Bermudes.*



## ESCOTISMO

O Grupo n.º 25 de Escoteiros de Portugal (Escola Comercial de Veiga Beirão), comemorou, com festas brilhantes, o seu quarto aniversário. A nossa foto reproduz o grupo dos simpáticos rapazes no dia da festa.

## O BRASIL E A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

Com este sugestivo tema, da mais flagrante actualidade e da mais transcendente importância nacional, proferiu o ilustre parlamentar e homem público dr. Nuno Simões, na sede da prestimosa Sociedade «A Voz do Operário», uma notabilíssima conferência que foi aplaudidíssima. A nossa gravura mostra os corpos directivos daquela assembléa cultural com o seu ilustre conferente, antes da sessão.





**Ribeiro Couto**

Um dos maiores valores da moderna poesia brasileira e, sem dúvida, a sua mais lírica expressão, Vice-cônsul do Brasil em Marselha, tem lutado por difundir em França, não só a literatura do seu país, mas, também, a literatura portuguesa, de que é um fervoroso admirador.

**UMA OBRA BRILHANTE**

No vaudeville espanhol *Por causa das moças*, representado há pouco em Lisboa, destacaram-se estes quatro formosos trajos do professor de indumentária Castelo Branco, obra brilhante de guarda-roupas moderno.



**A CASA DO ALGARVE**

Esta prestímoza agremiação regional celebrou, com lindas festas, o seu 12.º aniversário. Reproduzimos, no oval, algumas das lindas senhoras que assistiram às comemorações.



**Os nossos humoristas - AS DORES DO MUNDO - por TOM**



Dôr cerebral...



Dôr quicixa!



Dôr sentimental...



Dôr estomacal...



**DAVID TENIERS – “Tentaciones de Santo António,,  
(Museu Nacional de Madrid)**

# deSPORTos

Vencendo com a sua tenacidade todos os obstáculos e dificuldades, os aviadores viram, enfim, coroado de êxito o seu intento, não de todo desinteressado, visto que lhes proporcionou o importante prêmio que o Ministério do Ar destinara àqueles que conquistassem para a França um «record» dos mais ambicionados.

O aparelho usado foi um monoplano «Bleriot» munido dum motor «Hispano-Suíza» de 12 cilindros e 600 cavalos.

## O PORTO-LISBOA EM «RUGBY»

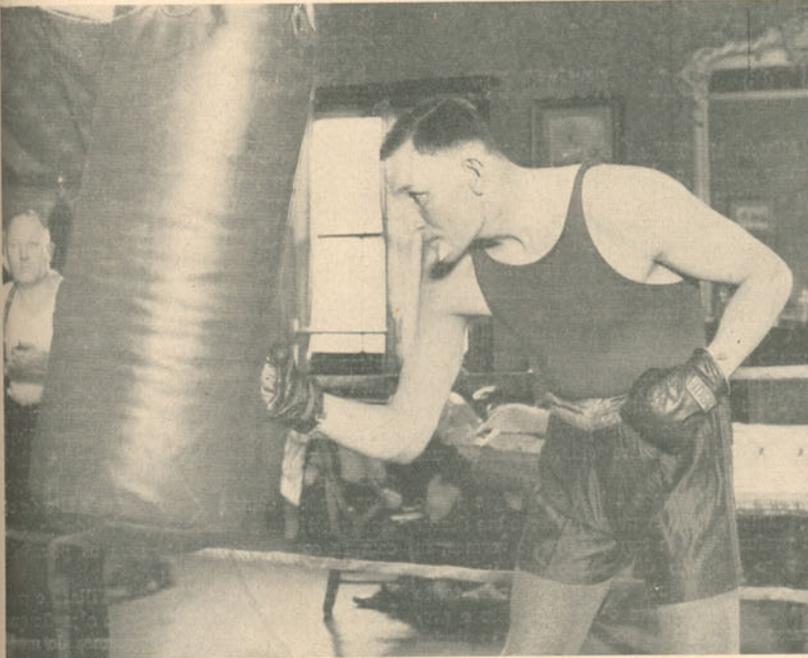
Os factos confirmaram em absoluto as minhas apreciações da última crónica. O encontro de rugby entre as seleções do Porto e de Lisboa resultou numa magnífica afirmação de entusiasmo e constituiu precioso elemento de propaganda.

Repetindo-se em Lisboa, no próximo domingo, estamos certos que o público da capital igualmente o saberá apreciar, acorrendo numeroso e deixando-se captar pelas belezas de um jôgo que, entre nós, mais se não desenvolveu ainda porque é ignorado da grande maioria.

O I Porto Lisboa, que terminou pela vitória nítida da capital, cujos jogadores são mais experientes e senhores de melhor técnica, decorreu de princípio a fim num ambiente de cortesia e correção, que não impediu, cada *équipe*, de empregar ardorosamente o seu melhor esforço. Foi uma demonstração consoladora de desporto verdadeiro, respondendo melhor que qualquer argumentação àqueles que, desconhecendo-o, verberam o rugby como jôgo de violências desmedidas.

Que contraste, para quem tenha presenciado algum dos frequentes *matches* de football do campeonato de Lisboa, em que a agressão é moeda corrente, a deslealdade arma usual, e o pugilato pormenor corrente!

SALAZAR CARREIRA.



Charlie Smith, o «Carnera» inglês, treinando-se

(Foto Orrios)

A aviação desportiva merece ocupar o lugar primacial desta nossa crónica. Sob o ponto de vista português não quero deixar em silêncio a viagem audaciosa de Bleck e Humberto da Cruz, a que não posso referir-me na quinzena passada. O vôo a Luanda e volta, num aparelho de fraca potência e reduzidas dimensões, revela uma audácia e um despreendimento que correspondem bem, na época moderna, às características tradicionais da raça. Confortam-nos, no escabujar da crise de carácter contemporânea, afirmações similares de virtude moral e de nacionalismo desinteressado.

Por outro lado, dois pilotos franceses, Bossoutrot e Rossi, levaram a cabo uma formidável proeza, batendo os «records» mundiais de duração e distância em circuito fechado, sem reabastecimento.

Os «records», que pertenciam aos italianos Maddalena e Ceconi, com 67 horas e 13 minutos e 8.188<sup>km</sup>, foram melhorados para 75 horas 23 minutos e 8.805<sup>km</sup>.

A notar que era esta a quarta tentativa de Bossoutrot e Rossi, cujos vôos anteriores haviam durado 67 h. 33., 26 h. 43. e 57 h. 27., permanecendo por uma vez mais tempo no ar do que Maddalena, mas sem que conseguissem marcar para «records», pois segundo as leis internacionais este não pode ser melhorado de menos de uma hora.



«Sir» Malcolm Campbell, à sua chegada triunfal a Londres, depois de, em Daytona (Flórida), ter batido o record do mundo de velocidade em automóvel. O campeão a caminho de Westminster, onde foi recebido pelo Lord Mayor de Londres

(Foto Orrios)

# OIRO QUE ASSASSINA

## UMA VIAGEM SINISTRA ÀS ENTRANHAS DA TERRA

### O SALVO CONDUTO DA MORTE

Como afagámos  
o ouro em bruto  
a 3 quilómetros  
de profundidade

A INQUISIÇÃO  
NO SÉCULO XX

Mister M. Tillord é um subdito inglês muito gentil que há anos dirige os trabalhos da «Village Deep».

Mas a sua extrema gentileza não evitou que nos exigisse uma declaração formal em como a Companhia não era responsável pelo que nos pudesse suceder nas entranhas da terra que desejavamos conhecer.

A «Village Deep» é a segunda mina do mundo em profundidade. Tem 9 mil pés e já foram abertas em sentido vertical 36 galerias.

Depois de havermos passado o respectivo documento que se nos afigurou ser um salvo-conduto para a outra vida, hesitámos um momento...

Mas não quizemos saber de perigos a que nos íamos expôr. A nossa ambição era descer às profundezas da terra, a fim de vermos, *in loco*, o trabalho desses 100 mil indígenas Moçambicanos que, com o seu suor, tanto têm contribuído para o levantamento e progresso d'este Rand possuidor de tão lindas

ciudades, como o são Johannesburg, Benoni e outras.

Sim! Se o Transvaal é hoje o Estado mais florescente de África, se Lourenço Marques, devido a ser o pórtico de mar do Transvaal, é já hoje uma cidade com tôdas as condições modernas, deve-se a este ouro que, numa extensão de 100 quilómetros quadrados, se encontra no sub-solo.

Que nos poderia importar o passaporte para a outra vida se outro desejo não tínhamos do que descer à mina mais profunda do Rand, a fim de podermos analisar a fuga dum filão do precioso metal perseguido sempre pelo homem?

E lá o vimos, descendo sempre verticalmente, numa profundidade de 4.500 pés. E como o homem o perseguisse ambiciosamente, a fim de o arrancar, à força de dinamite, da rocha-mãe, êle, o filão, tomou uma direcção inclinada, na ânsia de alcançar o infinito da profundidade.

O homem, porém, persegue-o sempre; vai na sua direcção, abre galerias centrais, depois outras laterais. Numa fúria de extermínio ataca o filão por cima, por baixo, e êle foge sempre para as profundidades desconhecidas. Mas, atacado por todos os lados, não se livra das garras do homem. Cai em poder d'este para que seja transportado a poderosos engenhos, onde é esmagado, refinado, a fim de se tornar a riqueza que faz erguer cidades, que compra consciências e até leva os povos às mais sanguinolentas guerras.

Quando entregámos a Mister Tillard o macabro documento olhámos para o alçapão que nos ia engulir, para desaparecermos do mun-



Johannesburg Hospital

do a fim de nos conduzir às entranhas da terra.

Mas antes de nos despedirmos do sol e da vida, antes de descermos para essa longa viagem para nós desconhecida, fomos apresentados a Mister Decken, chefe dos indígenas nos trabalhos subterrâneos e que fôra nomeado para ser nosso cicrone, que nos mostrou a casa onde estão instalados os grandes maquinismos accionados a electricidade e que fazem mover todos os elevadores que sobem e descem por meio de cabos que se vão eurolar a grandes cilindros. Além desses maquinismos, vimos os registadores que marcam a velocidade dos elevadores para efeito de fiscalização. Esta enorme central eléctrica fornece energia até 3 quilómetros de profundidade.

Estes elevadores teem 3 andares e descem vertiginosamente por um poço com 4.500 pés de profundidade. A sua velocidade é de 3.500 pés por minuto. E logo aos primeiros segundos, depois de deitarmos o último olhar para a luz solar, sentimos, pela diferença de pressão atmosférica, como que umas comportas nos ouvidos. Que emoção extraordinária sentimos... Caminhar vertical e vertiginosamente pela terra dentro, ir às suas profundezas, ver o desconhecido é sentir uma sensação de veras esquisita. É como que sentir-se uma grande pilha eléctrica no couro cabeludo. Mas segundos passados começou a chover abundantemente. Parece que atravessamos uma camada de água. Mais para baixo, isto é: a 18 pés de profundidade, cada um dos quais com 250 pés de altura, chegamos ao fundo do poço. Foi pouco mais de um minuto que nos pareceu uma eternidade.

Mas enfim, a primeira etapa, isto é, metade do percurso, estava caminhado. Aqui, é um mundo de trabalho. A sua galeria central lêz-nos lembrar o tunel da Avenida. Mas tudo está iluminado a luz eléctrica. Grossos tubos de água e outros de ar comprimido, cruzam-se em tôdas as direcções. Linhas férreas sobre as quais inúmeras vagonetas deslizam cheias de minério e impelidas pela energia dos moçambicanos nativos, entram para as diferentes galerias.

A 4.500 pés de distância da superfície respira-se uma atmosfera pesada, húmida, essa atmosfera impregnada de pó da mina, que origina a silicose e que tantas vítimas faz. Ali, passados alguns minutos, sentimo-nos



invadidos pela nostalgia desse oxigénio puro e vivificante que nos refresca os pulmões. Mas caminhamos. Ao lado direito duma estação entra-se numa grande sala aberta na rocha com a altura de um primeiro andar. Estão nesta sala as máquinas mais poderosas que existem nas entranhas da terra. São quatro bombas eléctricas com um poder monstruoso. Trabalham para elevar a água às galerias superiores, onde, bombas mais pequenas, a transportam para a superfície.

Seguidamente metemo-nos pela galeria central, de onde partem as outras galerias. É um autêntico labirinto este, com uma actividade que nos assombra. Chegados a uma outra galeria, metemo-nos no elevador que nos havia de conduzir ao terminus da nossa viagem. Esta é em sentido inclinado. A linha tem 41 graus de inclinação e 3 calhas por onde 3 elevadores sobem e descem como relâmpagos.

E enquanto esperávamos pelo elevador que nos havia de conduzir, outros elevadores, conduzindo o precioso metal, subiam e desciam com uma rapidez de foguete, fazendo um barulho ensurdecedor, sumindo-se e transformando-se num eco de sepulcro.

A entrada dessa estação, sobre um quadro negro, lê-se em letras cor de sangue: «Be careful to day», o que, traduzido em português, diz: «Tem cuidado hoje».

Finalmente, depois de alguns minutos de espera impaciente, o elevador chegou. Lá de dentro desse tunel de madeira coberto de rede metálica sai um trôço de pretos mineiros. Alguns veem com o rosto ou as mãos ensanguentadas. Acabaram, por hoje, a sua tarefa. Depois de nos segurarmos bem, sentamo-nos numa bancada tósca. Cuidado. Apesar deste elevador ter menos velocidade, como seguíamos em sentido inclinada pareceu-nos que esta era maior. De 10 em 10 segundos distinguíamos a porta duma estação, ou seja, de um piso com o mesmo labirinto de galerias.

O elevador parou, enfim. Eis-nos chegados ao piso 31. Estamos a 4.500 pés de profundidade na vertical e a mais de 9.000 pés seguindo a inclinação. Metemo-nos pela galeria central deste piso. A água dá-nos pelos artelhos. Desta galeria partem outras em várias direcções. Tornejamos para uma dessas galerias. E numa caminhada silenciosa marchamos por alguns minutos. Devemos dizer que estávamos vestidos de mineiros, com chapéus de oleado e o respectivo candil. A frente deste sinistro cortejo caminhava Mister Deckin, depois Pires de Carvalho, curador dos serviços, seguidamente quem estas linhas escreve e por último um preto musculoso como um hércules.

A certa altura Mister Deckin grita-nos. Não percebemos, mas sentimo-nos violentamente agarrados pelos vigorosos braços do preto. Escorregamos e caímos no lodaçal, tendo sido arrastados sempre pelo hércules para um local mais largo. Compreendemos depois do perigo passado. Três pretos moçambicanos conduziam cada um uma vagoneta com 1.250 quilos de minério. São aproximadamente 2.500 quilos, contando com a tara da vagoneta, que cada um destes rapazes empurra, passando por nós com a rapidez do relâmpago. Deixá-los passar. Seguidamente, uma locomotiva fazia arrastar 14 vagonetas carregadas. Só então prosseguimos na nossa viagem. Sentíamos os lábios ressequidos. Era o primeiro sintoma da febre.

Depois visitamos outra sala aberta na rocha, onde se encontram outros poderosos engenhos; os quais, por meio de cabos, elevam o minério dos pisos 33 a 36.

Por tôdas as paredes da sala e da galeria se vê, nuns grandes quadros brancos, a tinta vermelha, uma caveira sobre duas tibias a



servir de macabra vinheta à seguinte palavra :



o que quer dizer : *Perigo.*

Depois de atravessarmos mais duas galerias, olhamos lá para baixo. Vimos um buraco com 41 graus de inclinação. É aqui que se fazem os trabalhos de desmonte. Vejamos como se abrem estas galerias.

Segundo a direcção da camada aurífera, conhecida pelo nome de *banquet*, abre-se uma galeria inclinada de baixo para cima, e vice-versa até se encontrarem. As entradas, porém, destas galerias, são mais largas, por forma a que o minério saia pelo fundo da galeria.

Agora vamos descer. Cautela. Ao menor descuido, vamos estatelar-nos lá em baixo. Curvamo-nos o mais possível e agarramo-nos a um tubo de ar comprimido que se estende pela galeria a menos de meio metro do piso da mesma. Começamos, pois, a descer em direcção ao piso 32º. E passados alguns metros, encontramos a camada aurífera, como se esta fôsse um enorme músculo da rocha bruta.

Quedamo-nos por um momento. O filão seguia sempre serpenteando em direcção da inclinação. Afagámo-lo, carinhosamente, com os dedos. Eis a fonte do metal que tem tanto de precioso como de vil. Foi ele que fez criar no cérebro humano o sentimento sinistro da ambição. E quem sabe? Talvez ele saiba o mal que está causando no mundo e, por isso, pretende desaparecer nas profundezas da terra. Mas o homem, mesmo no infinito, perseguiu-lo há para o trazer à superfície, para que ele continuasse exercendo a sua missão maldita.

Os nossos companheiros já se encontravam ao fim da galeria. Só o preto nos acompanhava. Agora caminhávamos, ou melhor, arrastávamo-nos, sentados sobre os calhaus, sempre com a espinha dobrada.

Mas o que vemos?

Sentado sobre a lama, como nós, mas com



o tronco inclinado para a rectguarda, com os braços a servirem-lhe de escoras e as pernas levantadas em sentido inclinado, encontrava-se um moçambicano, que empurrava com os pés uma broca de ar comprimido, pretendendo perfurar essa rocha dura como o aço.

— Ah! desgraçado, o que fizeste? Mataste tua mãe, ou que crime cometeste para sofreres castigo tão horroroso.

Não há crimes, por mais monstruosos que sejam, que mereçam castigo tão torturante. Não será isto a autêntica inquisição?

E naquela incômoda posição, o pobre moçambicano, de olhar esgaseado, os lábios secos pelo pó da mina, pretendia, com a já débil força das suas pernas, fazer desaparecer pela rocha dentro esse bocado de ferro, no sítio do qual horas depois deveria ser colocada a possante dinamite.

E mais abaixo outro, depois outro e mais, muitos, na mesma posição. Agora já o filão é mais largo mas, a galeria mais baixa, está assente sobre escoras de madeira. Já não podemos caminhar sentados. Temos que nos estender ao comprido sobre os calhaus cheios de lama. E, de rastos, de mistura com os calhaus, procurávamos encontrar o fundo da galeria. Começámos a sentir vertigens. Sentíamos-nos desfalecer. Uma mão de ferro, porém, agarrava-nos, para que a descida se fizesse morosamente, com a máxima cautela,

para que nos não despenhássemos. Era a mão do preto hércules, que nos guardava como uma vida preciosa.

E durante 30 longos minutos, cheios de lama, a garganta ressequida, o olhar quase apagado, cobertos de suor e o coração a palpar-nos enérgicamente, parecendo que queria saltar-nos do peito, deixámo-nos arrastar à mercê da inclinação, sempre subjogados pelo braço do preto, até que chegamos, enfim, à boca da galeria, onde os nossos companheiros nos esperavam. Sentamo-nos, com o peito arquejante. Estávamos, enfim, no piso 32º, com o mesmo labirinto de galerias e a mesma actividade no trabalho. Levantamo-nos a custo. Quasi não sabíamos andar. Uma saúdade imensa nasceu em nós. Saúdades do sol, do ar oxigenado.

Nesta galeria, vagonetas cheias de minério deslizam pela linha férrea. Lá ao fundo, um poderoso aparelho faz virar essas vagonetas. O minério desce ao fundo da mina para dali ser conduzido à superfície pelos elevadores. Os condutores dessas vagonetas vão cobertos de suor. É o oiros. Mas desejamos fugir imediatamente deste inferno. Não podemos resistir mais. Sentimos a camisa pegada ao corpo e a sede devora-nos.

Mister Deckin quer-nos mostrar mais máquinas. Olhamos para elas como se fossem espectros sinistros. Não queremos ver mais. Recusamo-nos a descer até ao piso 36º. Se a temperatura aqui já é de 45º centígrados, quatro pisos abaixo deve ser de escaldar. Em cada piso, isto é: de 250 a 250 pés de profundidade o calor aumenta um grau.

Vamo-nos embora. E, trôpegamente, sobre a lama, chegamos à estação. Atiramos o corpo para cima duns sacos de sal. Não podíamos mais. Esta jornada era superior às nossas forças.

Meia hora depois éramos conduzidos para a superfície. Enfim, o sol, mundo, a vida! Acabávamos de sair da mina que produz anualmente meio milhão de toneladas de minério com o valor de 900.000 libras e com a média de 250.000 de lucros.

Estão empregados 4.200 pretos, dos quais 2.197 são portugueses.

E o resto do dia sentimos uma sede torturante. Sabia-nos o paladar a silicose, à tuberculose dos mineiros.

Oiros que deslumbra!

Oiros que assassina! PEDRO MURALHA





Desenhos de JOSÉ TAGARRO

CONCORDIO, marido da bela Sancha, habitava com ela, e traficava em Santo Antonino, à beira do Garóna, em fins do século treze.

Nesses tempos, Santo Antonino, além duma igreja tósca e do báculo do bispo, de esmalte de Limoges, possuía como maior riqueza a sua atalaia de tecto de chumbo, onde os vigias permaneciam, com os sinos da comuna, para tocar a fogo, chamar os burgueses à assembleia e ao tribunal ou prevenir a cidade da aproximação de algum inimigo. As díbras bárbaras, não possuindo virtudes caseiras, permaneciam pouco nas vilas. As cidades romanas, essas jóias de império, haviam começado, desde o quarto século, a sofrer uma rápida e profunda decadência. Algumas tinham desaparecido, derruídas pela água dos céus, outras, pelo abandono dos homens, outras pelo saque das multidões. Mas, durante o longo trabalho da reorganização da sociedade europeia, do quinto ao décimo primeiro século, os êrmos tornaram-se aldeados, e os castelos que se erguiam das ruínas antigas, foram sendo circundados de casas, tais crianças amedrontadas procurando a protecção dum pai.

O mercador e sua mulher Sancha habitavam uma dessas pequenas e poucas casas, nessa tranqüila terra de França. Ele, entregue à data dos mercados, das feiras; ao custo das jornadas e das cizas; ao cálculo do nu-

mismal e à empresa das transacções questuosas. Ela, a bela Sancha, venusta e melindrosa, arrastava uma existência sem interesse. E, tristemente pensava só nas suas graças amáveis e modestamente arroupadas.

Concordio era indiferente, agrisalhado, quereloso, emouquecido à voz da consorte, desolhado, e só não insensitivo perante o lucro dos seus negócios. Sancha sofria dessas sensações ingratas, porque era bela, cuidada e de muito bom gosto. Lamentava-se bastante ao ver-se sempre tão mal vestida; ela, que não podia ostentar com benefício nem sequer a sua nudeza magnífica e fascinante! Era desoladoramente, que, ao abrir o seu arcaz, se ficava, perante o seu velho mantéu capeludo e as suas vestes de lã e fraldeiras. Como fôsse uma esposa íntegra e tão iliterária como inteligente, sabia ser seu dever cativar um marido arredio. E lembrava-se, todos os dias, do que seriam as suas graças se fôsem bem encamisadas e apassamanadas. Do que seria o seu colo desejo e ardente, na intimidade dum decote alamarado e luxente.

Vivia também nesses tempos, um freire mendicante e escolástico, de nome Mamertino. Quando êle amarrava a sua burra no pátio de Concordio, confortava sempre êsse casal infeliz com a sua alegria salutar. Houvera êle seguido o ciclo de estudos do tempo: a teologia, a gramática, a retórica, a dialéctica, a geometria, a aritmética, a astronomia e a

música. Passara com muito mérito no *trivium* e no *quadrivium*. Concordio e Sancha tinham por êle uma grande reverência. Os seus conhecimentos não impediam a sua suavidade. O burel fradesco permitia-lhe os propósitos amenos do seu coração jovial, a liberdade dos seus convívios, o uso moderado do vinho e das acções, o que é natural aos homens de bom comércio.

Era sempre risonhamente e piedosamente que êle ouvia o *Pater noster*: «Padre nosso que estais no céu», quando êle sabia que Deus devia estar em toda a parte. «Venha a nós o vosso reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como nos céus», quando êle possuía o conhecimento das Escrituras, as quais dizem que Deus reina eternamente, e que, portanto, seja temerário desejar que a sua vontade «seja feita», porque nada deverá ser feito sem ela. E se assim era, um freire indigno, é porque além da sua erudição, possuía um dom que sciência alguma pode dar: o conhecimento dos homens. Cingia duma forma humilde o corpo com o rijo pano da ordem, porque respeitava as ilusões consoladoras. E como as comprehendia, amava os erros e as fraquezas dos simples, por saber que entre êsses defeitos viveria. Tocava tão facilmente o órgão portátil, a harpa, a sanfona, a cítara, a gaita de foles, o prelo, o sistro, como facilmente argumentava com o seu guardião: com benevolência, porque

sabia ser humilde comodamente. O seu pensar, muito alegre, tornava-lhe o mundo acessível. Era feliz porque não carecia de ilusões para conseguir ver a beleza da Terra. Sabia dar a todos os prazeres uma relatividade sem comentários; pressentia a imensidade das coisas futuras: morrer, o que era mais horrível ainda, quando depois de se não ter vivido. Era tal um paladino, errando para melhor ver as coisas de Deus. E, perante a contemplação da sua beleza eterna, julgava-se transportado acima de si mesmo; envolto numa doce luz onde o seu espírito se dilatava. Purificado assim do poder das escurecidas, era alegremente que freire Mamertino se deixava embalar sobre a sua jumenta

sempre em grupos, pois eram obrigados a defender, pelas armas, a longa rédea das suas mulas contra as investidas dos saltadores ou de qualquer senhor rápáce. Um turmão acompanhava-os sempre, para interpretar os egípcios, os sírios, os genoveses, os ingleses e os espanhóis que, dos seus países, vinham traficar até à Champagne.

Então a bela Sancha, que amostrara, durante o jantar, um rosto aflito, começou queixando-se muito a freire Mamertino:

— Vós que sois um amigo desta casa, valei-me! Sou devedora de duzentos escudos, por dívidas contraídas. Só vós podereis salvar-me. Pelas Santas Chagas vos peço. Dar-vos-hei tudo que me pedirdes...

o vosso caminho... A protecção dos céus vos fará sombra de dia até que Deus vos chame para a vossa morada estável.

Se bem que Concordio fôsse um crente, considerou o preço de tôdas estas comodidades; mas, purificado com tão eficazes exorcismos, entregou ao frade a soma, perante um recibo, e, sem juro.

Este correu então para a bela Sancha, a qual das suas mãos aceitou a soma requerida, sem suspeitar da sua origem. E enquanto Concordio, preocupado, preparava a longada, o freire, bebendo o vinho alegre que Sancha alegre, agitante e louçã lhe dava, no terreiro, ia falando ao coração dela, mais com o silêncio do que com as liberdades da razão.



mansa, por uma manhã de sol, indo por um grande campo viçoso e ermado. Olhava a terra fértil, gosando da sua paz benigna e pensando nas viandas de Concordio, cuja casa buscava, e nas graças juvenais da bela Sancha, desinquietada e sincera.

Recolher os sentidos e serenar a pureza do espírito em nenhures se faz melhor do que na solidão dos campos, quando se é sensível à beleza e à boa meza. Freire Mamertino gostava de se tratar com regalo.

Como fôsse esperado, Concordio permitira um repasto copioso, com urso, javali, frangos fritos em toucinho, e, alternante de tortas e de vinho melado. Depois da refeição, acopiada e servida pela bela Sancha afectiva e pressurosa, Concordio saiu, pois no outro dia partiria pela alva para as feiras de Languedoc e Montpellier, e precisava, por isso, de se acomodar com os outros chatins.

Nesse tempo, os traficantes jornadeavam

Ora o religioso ficava sempre perturbado quando à sua notícia chegavam os excessos do mundo.

Mas disse:

— Não vos afligeis com cuidados de futuro, porque o tempo desmancha e baralha tôda a ordem de coisas que se propõem na imaginação. Lançai-vos na providência do Altíssimo. Não vos entregueis aos pensamentos néscios. Esperai...

E isto dizendo, foi bater à câmara de Concordio.

Este, embarretado e em frente da sua banca, fazia cálculos e contava moedas de prata do Duque Ricardo da Normândia.

Freire Mamertino entrou, com a leveza peculiar com que aligeirava a vida, e pediu a Concordio lhe emprestasse duzentos escudos que lhe pagaria quando êle a casa regressasse:

— Os querubins vos darão guarda durante

Concordio era desafeiçoado e impassível; Sancha, fascinante e desamada. E freire Mamertino, que era desassombrado e congruente em tôdas as suas acções, revelou mais outro dom, o qual também sciência alguma pode dar: conhecer as mulheres quando aflitas; e Sancha era muito sensível ao tacto.

Freire Mamertino, sendo de procedimentos senhoris, retirou-se para o seu mosteiro, pelas ave-marias. E tôdas as manhãs voltava, e tôdas as tardes abalava, até que um dia Concordio chegou, com as suas mulas ancadas, com muito lucro nos sacos e desejos de casa. Sua mulher saíra-lhe ao caminho, taful e mais bela do que nunca. Concordio sentiu, ao vê-la, um interesse nunca sentido, porque os seus encantos, realçados pelo seu trage, lhe enchiam os olhos de beleza. Beijou-a, ameiçou-a. Fêz-lhe perguntas, deliciando-a com o seu enlévo.

Sancha vivia num sonho; num sonho real,

## BELEZAS PARISIENSES

podendo enfim ser compreendida, graças à magnanimidade de freire Mamertino, cujos duzentos escudos puderam, enfim, ornar os seus encantos. Agora, vestida com esmero, ostentava um traje entretecido e rendado. Concordio, sempre afagante e entusiasmado, entrou em casa, com ela pela cinta. E foi encontrar o frade decentemente e com manso júbilo, emborcando mais uma taça de cidra.

Concordio não pressentia a razão do seu encanto. Como não detalhava o aspecto da mulher, somente via a beleza dela. Era todo o conjunto que o encantava, como os olhos, os cabelos, a boca e o donaire, conjugando-se sempre para encantar o encantado.

Entretanto, o frade, saído do seu gostoso e volível deleixo, olhava-os, pasmando muito. Durante a ausência desse marido desgalante e desamoroso, vivera, junto de Sancha, suavíssimos dias. Perdera até os seus hábitos goliardos de bebericar e tagarelar nas vendas. E, se bem que houvesse encontrado a possibilidade de poder ser amado, ponderara também sobre a frágil honestidade das mulheres, do que antes era já convicto. Era agora, perturbadoramente, que os seus olhos confundidos e lastimáveis viam Concordio e Sancha enlaçados e d'ele alheados. Sentia-se molesto e desprezado, tal uma presença subalterna.

E Sancha, bailheira e sorridente, ia arrumando as mercadorias nos caixões. Informava-se dos lucros; verificava as meadas de serguita e as jardas das telas. Calçara ao marido as abarcas de pele de coelho. Banhará-lhe o rosto e as mãos com água melada.

Cardara-lhe os cabelos e as barbas. Confeccionara-lhe o caldo fortificante. E Concordio enfeitado e esquecendo-se de sizar nos frutagens dos cargueiros, dizia:

— Toma, minha Sancha, este *kemiso* de filerete. E estes corais; e este corte de brocado; e este gremial de lustrilho; e esta lençaria fina, para o nosso leito. Para ti são também estas duas peças de prata batida que uma princesa italiana inventou, reservadas para uma venda valiosa. E para que os teus dedos se não maulem, tocando os alimentos. São dois garfos... Tu és a mais formosa das esposas. Tu és a mais carinhosa das mulheres. A mais gracil. A consorte mais amante. Olhava para ela pela primeira vez. Mas, como quisesse regular a custagem da jornada e pôr os seus negócios em dia, pediu brandamente e com respeito, a freire Mamertino, o cumprimento da promessa avinda: a paga dos duzentos escudos. E o freire disse-lhe:

— Com o vosso dinheiro alcancei para vós a ventura do vosso lar, mandando rezar muitas missas e fazendo várias caridades... Fui eu, indigno frade, que vos trouxe essa ventura que tanto me regosija. Fui eu, com o auxílio divino, porque tôdas as nossas acções são ordenadas pelo Senhor, que tudo pode, segundo aprendi, e do que tenho todos os dias mais convicta confirmação, que vos dei bem estar... O vosso bem, trazido pela minha humildade, é mais uma revelação desse poder edificante... A humildade do coração, amigo Concordio, livra e defende de inumeráveis perigos. Para se adquirir tão excelentes meios é, contudo, preciso orar muito e observar



Raquel Devirys, a «veleta» do teatro e do cinema vencedora do concurso de beleza entre as artistas parisienses

pontualmente os bons ímpetos do nosso espírito, que não são nossos, para nossa glória ou nossa lástima, pois que o céu tudo pode... Foi certamente, por essa vontade celeste, agindo sobre a nossa inconsciência, que vós entregásteis toda a vossa mente à ordem dos vossos negócios, dando-lhes mediança e lucro pelo vosso afinco... Foi ainda, por essa vontade transmitida pela minha modesta interferência, que os vossos olhos se cegaram à lédice da vossa consorte, para que pudésseis, um dia, deslumbrar-vos perante as suas virtudes, a graça dos seus movimentos e a opulência dos seus flancos...

Concordio, comovido, porque a felicidade comove tanto como a desdita, rasgou o recibo e afagou o religioso. E freire Mamertino tinha os olhos humedecidos e não sabia por que razão.

Montou a sua burra branca e dócil. Da atalaia vinha o toque afinado do bronze, batendo docemente trindades. Concordio amoroso e Sancha alterante, abraçados, juntos da cancela, acenaram ao frade, que seguia pacificamente entre as seáras, pelo sol fugente alaranjadas.

E freire Mamertino, fechando os olhos a esses prestígios, nunca mais voltou, por saber que nessa casa, onde havia um marido feliz e uma mulher boa, ele seria um frade indigno e, sobretudo, um pensador tristíssimo.

## O PYJAMA FEMINISA-SE



Um pijama negro de Crêpe Georgette e Marabú lançado por Dorothy Mackail e que é um regresso à feminilidade do traje casero

(Foto Orrios)

# Pelo Mundo

# O PENSAMENTO POLITICO DA INDIA NACIONALIS TA

A conferência da Mesa Redonda de Londres deu por terminada a sua missão, depois de dez semanas de trabalhos, que decorreram entre 12 de Novembro último a 19 de Janeiro.

Nesta conferência, não houve um só nacionalista indiano, porque todos os seus membros, foram escolhidos pelo governo inglês, para impunemente conseguir os seus fins. Mas, a-pesar dos diligentes cuidados da política britânica na escolha dos homens da sua simpatia, os resultados obtidos nessa assembléa, que a Inglaterra rotulou de conferência democrática, para a ilusão do mundo, estão sendo discutidos pela imprensa conservadora de Londres, como adversos ao prestígio inglês, e daí, os comentários de *sir Samuel Hoare*, em nome dos liberais, e a crítica severa do senhor *Winston Churchill*.

É que os ingleses já não podem resistir, falharam em toda a linha, pois que a disciplina de ferro que conduziu o seu formidável imperialismo industrial no mundo inteiro, sem poupar o próprio continente europeu, cedeu diante de uma outra disciplina maior ainda: a disciplina do espírito, e os pacíficos protestos da Índia representam a aurora universalista do mundo novo de idéas político-económicas.

—E era tão lindo e cómodo o imperialismo inglês na Índia— diz inadvertidamente *lord Rothermore*— «cada quatro *shillings* por li-

bra estrelina da renda de cada cidadão inglês, directa ou indirectamente, provinha do império indiano!».

Agora que o pensamento político do Mahatma indiano se tornou a fonte donde mana a corrente da água lustral, e onde os maiores filósofos contemporâneos, economistas e homens de estado vão beber, um sector bárbaro de um conservantismo caduco, pretende desviar as atenções atraídas pelo doce clarão de paz espiritual, servindo-se de uma imprensa suspeita de negociantes. O que diz essa imprensa? Pouco mais ou menos o seguinte: a dificuldade que o *Round Table* encontrou para definitivamente resolver o problema indiano, não foi a opposição dos direitos da Grã Bretanha, às aspirações do nacionalismo hindú, mas a rivalidade, até hoje irreductível dos povos que vivem lado a lado no imenso país.

Mas esta afirmação que pitorescamente acaba de ser lançada aos quatro ventos como uma girândola de efeitos, não satisfaz a inteligência de qualquer que conheça as tradições indianas, e acompanhasse a evolução do movimento nacionalista de Mahatma Gandhi, que, espontaneamente, formula a pergunta: — «as lutas entre hindús e mahometanos da Índia não teriam sido fomentadas e alimentadas pelo comum inimigo imperialista para ser êle o *tertius gaudens inter duos litigantes?*».

Ramsey Mac Donald disse que a responsabilidade do governo da Índia deve repousar sobre as legislaturas, central e provincial, com reservas necessárias, durante o período transitório, para garantir a execução de certas obrigações (provavelmente para favorecer o comércio inglês na Índia) e para proteger as liberdades políticas (escusado será lembrar que elas serão vexatórias para a dignidade do orgulho da Índia) assim como, alguns direitos das minorias (que sendo mahometanas, são pelo seu orgânico materialismo, susceptíveis de impulsos sangüinários). A forma definitiva do governo central não poderá ser determinada antes das novas discussões entre os representantes dos Estados indianos e os representantes da Grã Bretanha. O executivo deverá ser responsável, perante o legislativo, mas os negócios estrangeiros e a defesa nacional continuarão dependentes do governo geral britânico, (a este respeito havia uma tese a desenvolver, que chocaria de espanto os internacionalistas da Europa, mas é cedo ainda, e Gandhi com a devida oportunidade a versará a seu tempo), além disso o discurso do estadista inglês manifesta que o governo central deverá receber poderes necessários para manter a ordem e a paz pública, quando a ordem e a paz são a base da organização disciplinada do nacionalismo indiano, e portanto só poderia servir, êste final do discurso, para corrigir as exaltações dos adoradores de Mahomet, mas nem a isso se presta o dispositivo político, porque todas as loucas ambições inflamadas têm origem nas furtivas promessas inglesas feitas aos mahometanos, e por consequência, para não chamar um de-

sejo pleonástico do senhor Mac Donald, abertamente se pode dizer que os *poderes necessários para manter a ordem e a paz na Índia*, significam os poderes que se destinam a comprimir todas as justas aspirações futuras do disciplinado nacionalismo indiano.

Sendo esta a promessa do Primeiro britânico, não podem encará-la os hindús, sem desconfiança, êles que recusaram tomar parte nessa conferência com a mesma energia como repudiaram o relatório da Comissão Simons.

E assim correctos e coerentes marcam a subtiliza do seu pensamento político com a imperturbável calma que lhes vem através dos milénios como um fio indissolúvel.

A *desobediência civil*, o não pagamento dos impostos desnorteou a Inglaterra. E a *desobediência civil* é a maior guerra ao imperialismo no século xx! A *não cooperação* consiste no afastamento prático de todos os capitais nacionais de toda a colaboração com o governo e sociedades estrangeiras e é o maior desafio à *intelligentzia* do fleugmático insular.

A Europa intelectual que aos poucos se foi apercebendo do valor político da Índia nacionalista, não tem poucado ocasiões para aplaudir as atitudes iluminadas de Gandhi. Na própria Inglaterra, houve rasgos de entusiasmo incontido quando se encerrou a Conferência do *Round Table*, que não concede, como se viu, o estatuto do «*Dominion*» à Índia, mas deixa o seu parecer claramente exarado. *Daily Herald*, órgão do Labour Party diz: um governo autónomo, responsável, e a igualdade de estatuto com os outros «*Dominions*», o que deve dar essa «*substância da independência*» que reclama Mahatma Gandhi eis o que oferece a Inglaterra. Parece que a Índia não exigirá mais... é a obra suprema desta conferência.»

Ora não é bem assim. A Índia conhece quanto valem as promessas da Inglaterra. Ela depois de ver livre o seu Mahatma convocou o seu congresso nacionalista e decidiu que não podia apreciar as resoluções do *Round Table* a não ser, sob as condições seguintes: uma anistia geral a todos os prisioneiros políticos; a boicotagem autorizada desde que não fosse acompanhada de violências, e finalmente a garantia de que as autoridades não actuariam contra as infracções da lei sobre o sal, durante o tempo das negociações.

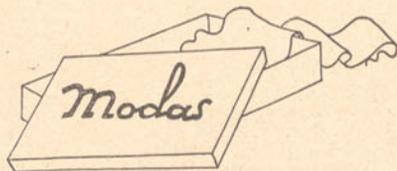
E parece que, agora, do histórico convénio entre Ghandi e o Vice-Rei, surgiu uma trégua baseada, sobretudo, nestes pontos capitais. Contudo... nunca fiando!

O redactor diplomático do *Sunday Times*, anuncia a entrada do novo vice-rei da Índia, *lord Wellington*, sob cuja presidência, diz o mesmo jornal, convocar-se-há o segundo *Round Table* na Índia; no mês de Abril seguinte.

Que de surpresas respeitáveis, não irão contando os jornais ingleses neste momento solene em que a autoridade britânica na Índia experimenta a dura realidade da célebre frase de Max Muller: «*India, what can it teach us?*»

Lisboa, 1931.

EUCARISTINO DE MENDONÇA.



O CÚMULO DA ORIGINALIDADE: — UM NOVO «PIJAMA» DE PRAIA EM SÊDAS ARTIFICIAIS DE FANTASIA

DOIS LINDOS MANEQUINS: — DUAS LINDAS «GIRLS» DOS TEATROS DE LONDRES, MOSTRANDO DUAS FANTASIAS, EM SÊDA ARTIFICIAL, PARA BANHO E PRAIA

À DIREITA: — UM TRAJO ORIGINAL, OBEDECENDO AOS MAIS RIGOROSOS PRECEITOS DA MODA ACTUAL E QUE FÊZ SENSACÃO NA «EXPOSIÇÃO DA SÊDA ARTIFICIAL» DE LONDRES



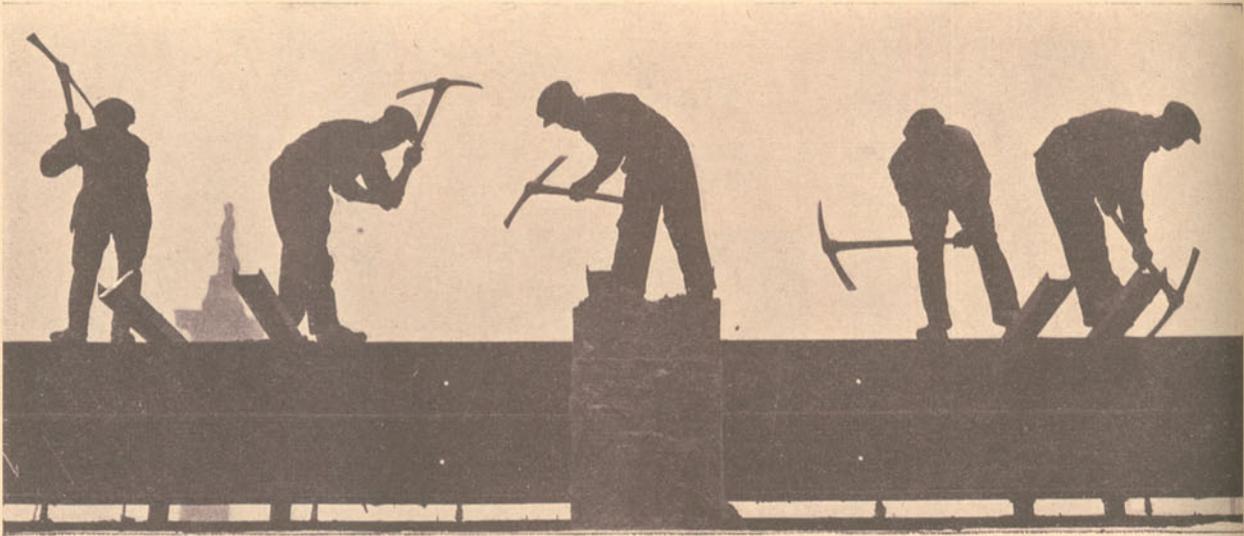
FOTOS ORRIOS

No Royal Albert Hall, de Londres, abriu a «Grande Exposição da sêda artificial» da Feira de Indústrias Britânicas.

Nesta página arquivamos alguns modelos de *toilettes chics* aparecidos.

EM CIMA: — UM VESTIDO DE NOITE EM SÊDA ARTIFICIAL PRATEADA, QUE CAUSOU GRANDE SUCESSO DE CURIOSIDADE

NO OVAL, À DIREITA: — UM CHAPÉU DELICIOSO, EM «PANNES» DE SÊDA BRANCA E PRETA, GENTIL COMPLEMENTO DE UMA «TOILETTE» DOS MESMOS TONS



IMPRESSÕES DE VIAGEM

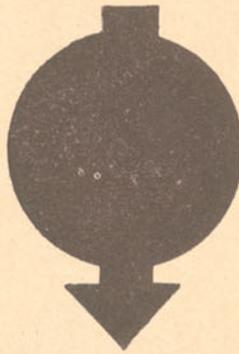
# OS BAIRROS DA "GENTE MÁ"

O tempo dobrava minutos, e o nosso caminhar não tinha fim. Sem guia nem planta da cidade, entregues ao magnífico cicerone das surpresas que é o acaso, ultrapassamos os arruamentos já conhecidos da City, para propositadamente nos perdermos naquela parte da cidade, além Aldgate, para nós completamente desconhecida. As oito horas da noite dera-nos o borbórinho de Londres, de Oxford e Picadilly; as nove ofereciam-nos o contraste: êste silêncio tresnoitado de agora, afagando pezares e melancolia. Raríssimos os transeuntes, e raros os *buses*, a quietação e a treva, que as feiras dos lampeões de iluminação não conseguiam dissipar, faziam desta parte da cidade bairro abandonado ou local de maldição, vivendo de quaisquer recordações trágicas, afugentando gentes. Nas janelas dos grandes edifícios não rebrilham luzes; as paredes não deixam passar sons. Parecem entaipar vidas fazendo calar as bocas que supliquem auxílio.

Bruscamente, porém, e a uma volta da rua, êsses casarões desaparecem. Foram diminuindo de volume, gradualmente, como se, de determinado ponto, alguém fôsse chegando, uns aos outros, cubos de diferente altura: degraus para escalar o céu, além, na City, mundo de financeiros e agiotas do trabalho alheio. (Planearão negociar com Deus o produto das promessas e votos mercantis daqueles que, na terra, pretendam abrandar a justiça celeste?). Muito embora seja larga a avenida por onde caminhamos agora, a perspectiva é irregular como se a houvessem sujeitado aos êrros humanos. Não tem prosápia; é humilde; não tem aprumos de vaidade: sorri tristemente para que saibamos desculpar-lhe a modestia.

Não nos espieça a curiosidade de saber onde estamos. A primeira ruela desemboca num largo irregular. É feita do casario que parece atropelar-se para sair duma betesga sem ar nem luz. Um primeiro grupelho; começam surgindo vultos negros, rodando

DE  
**LONDRES**

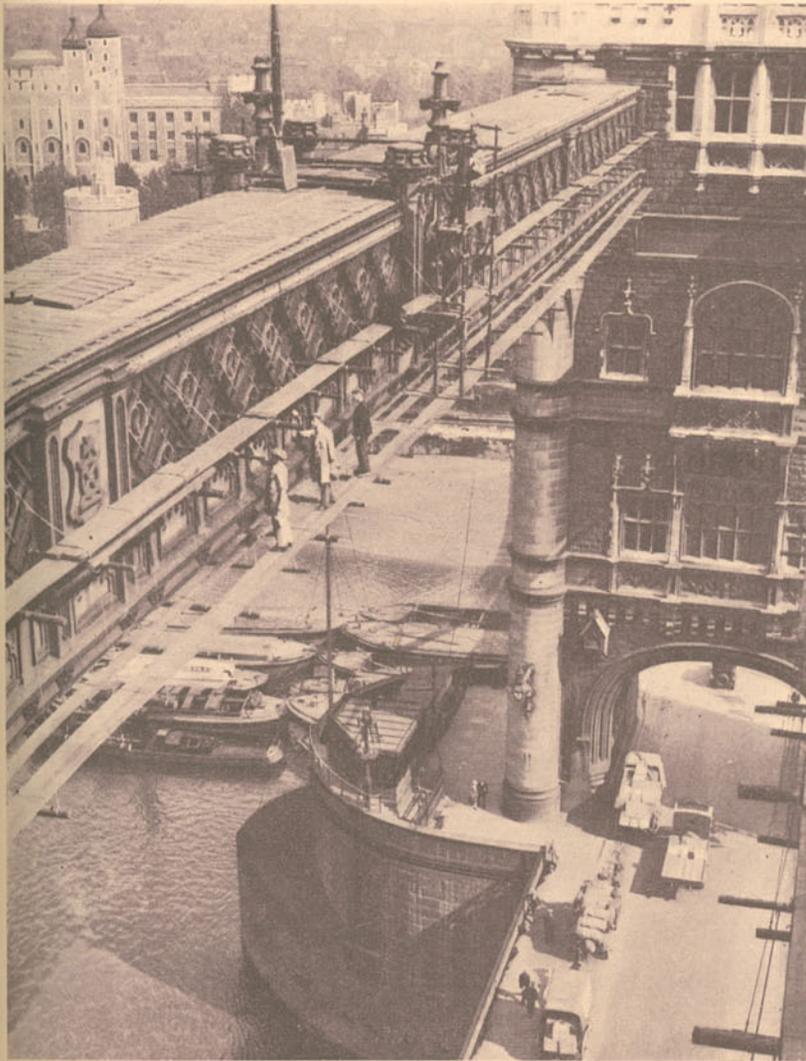


Londres de noite — Nas cercanias da Strand

apressados. São mulheres de luto, açodadas parecendo acorrer a reuniões suspeitas. Mal alumadas por um braço de lâmpada eléctrica, as fachadas irregulares de alguns prédios, de que a mansarda é desconfortável excrescência, apresentam frestas e janelas que são buracos, e portais abertos sobre pátios negros, que talvez sirvam de abrigo a vagabundos exaustos.

Assim como viramos haverem sido retalhadas em ruelas apertadas, as ruas aristocráticas do centro de Londres, anotavamos aqui haverem também talhado esta rua larga sobre um aglomerado de comprido bairro de travessecas e gargantas. Os nossos olhos vão contrando aqui e além os apertados escondouros de gente que são as artérias estreitas de onde vemos aparecer, do escuro que põe interrogações em tôdas clas, as caras tristonhas, os rostos que o sorriso doloroso arpanha, as cabeças que sustentam, como em equilíbrio, os chapéus altos que o modo de vida de continuo ou moço de recados manda usar em Londres como inconfundível atestado profissional. Seja do ar humilde, com laivos de miséria, que tudo isto apresenta, seja da sombra que tudo toca de epilepsia, êstes rostos que observamos, vestuários, os olhos que nos fitam com espanto, como a perguntar de onde viemos e para o que estamos ali, traem existências feitas de acasos, das fomes e necessidades, dos vícios e das taras que trazem de rodilhão até ao crime, a tragédia duma vida que ficou na indiferença por todos, só desdem, rindo de tudo e dela própria com o riso que fica para além do sofrimento.

Guardando nós na retina o espectáculo da confortável aparência que faz das casas pequenas dos bairros novos de Londres, pequenos palacetes, e a luz intensa, cabriolando caprichos, dos réclames luminosos, o contraste é mais e mais doloroso. Enviuamos para uma rua estreita, de prédios atarracados, de casinhas esbeçadas, irregulares de



Operários reparando a «Tower Bridge», sôbre o Tamisa

altura, de varandas a que faltam varões, de janelas a que faltam vidros. Cruzamos os mesmos tipos. Passam por nós fitando-nos, ora medrosos, ora interrogadores. Serão trabalhadores das docas, dos cais, varredores e mendigos, soldados que fizeram a guerra, viúvas de militares, mulheres em mancebia: duas vidas dolorosas que se juntaram para as disputas de tôdas as horas nas casas onde o pão sempre falta? Gente perigosa vivendo ao Deus-dará, ou gente desgraçada, infeliz pelo egoísmo social, vivendo das migalhas que os não deixam morrer de fome, governada tiranicamente pela opulência alheia que os escravisa, tomados pela febre das profissões que esgotam fôrças, fazendo recua para os misteres humildes, aos quais entregam trinta anos de labuta e sessenta de privações?

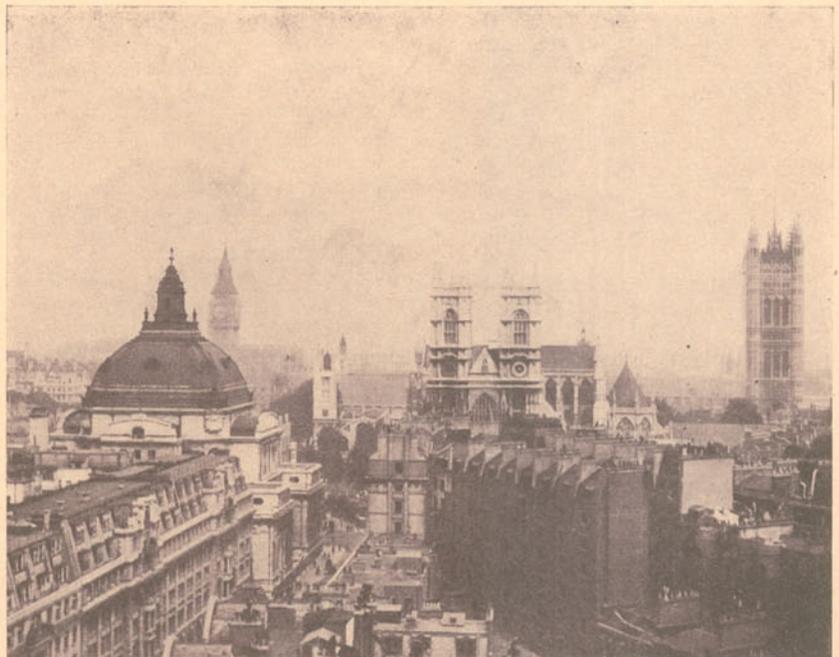
Onde estamos nós?

Uma porta abre-se. Saem de rodilhão cinco, seis figuras negras. Uma voz sêca, matraqueada, vai lamentando:

—Naquela família é sempre assim. Todos morrem entre os quinze e os dezassete anos.

—E sempre deixarão a casa?—propõe gulosamente outra voz:—Tenho uns irmãos que teimam em vir trabalhar para Londres...

A DIREITA—O labirinto londrino. No primeiro plano, um grupo de casarões negros; no fundo, Westminster



O espectáculo de pátio de milagres de todo o mundo: a tumba a recolher mortos, a morte arrecadando vidas que a ela sempre pertenceram, e uma multidão à espera da vez para entrar no mesmo palco onde um final de tragédia fêz uns minutos de silêncio. Uma casa que vai ficar vazia, cerrando portas, e as portas a abrirem-se para recolher novos miseráveis. Pertencerá esta gente àquela legião que canta estrofes de ódio que iludam a sua fome até à hora em que a morte lhe tapa as bôcas já sem voz? Onde estamos?

Como em tôdas as grandes cidades que pretendem ter a sua feição impressionante, Londres prepara, em tôdas as noites, para os nervos gastos dos turistas entediados, a excursão, um tanto arriscada, dizem, aos bairros pobres, aos bairros excêntricos da cidade: Whitechapel, China-Town, Limehouse. Propalam mesmo a notícia, que o cinema exporta, de agressões e desordens freqüentes, encontros sangrentos com a Polícia,—filme de aventuras que se pode gozar pela quantia módica de sete shillings e seis dinheiros, com a vantagem de tomarmos lugar num luxuoso «pullman motor coach» que muito bem pode servir de trincheira para as balas dos facinoras...

Ainda não eram oito horas e já nos reuniamos em Berkeley Street, numa agência Cook, com dois sul-americanos que o acaso fêz nossos companheiros de excursão. Discorriam êles sôbre a vida dos judeus das mais variadas nacionalidades que vieram abrigar-se em Whitechapel, dos chineses que, de «China-Town» fazem seu quartel general, «traficando ali o seu ópio!», e de tôda essa gente de Dockland, mestra em emboscadas, quando foi dado o sinal de partida. Pelo entusiasmo do falar acreditavam-se certamente temerários, arriscando suas vidas com o espírito aventureiro que desafia destinos.

Mal o veiculo, pesadão, ultrapassa a catedral de S. Paulo, logo o cicerone começa desfiando seus conhecimentos de arte e arqueologia, história e ciência. Aponta um pequenino trecho de muralhas do século X,



Uma vista sobre a City, onde se vê bem o tenebroso labirinto da grande urbe

monumentos, a Bolsa, além, à esquerda. Pouco a pouco a cidade começa a ser mais fracamente iluminada; os edifícios perdem seu ar soléne. Aqui um pormenor, além outro, e iam reconhecendo avenidas e ruas por onde vagabundearamos na vespera. — Whitechapel! — grita.

Os sul-americanos abrem desmesuradamente os olhos, acomodam-se melhor nas bancadas, e, do espanto à incredulidade, ouvem-nos afirmar que estiveramos ali na noite anterior percorrendo ruelas e praças, becos e travessas, sem que alguém nos incomodasse...

— E vieram os dois, sós, sem guia?

Era a derrocada da profissão de cicerone. Sem perigos, a excursão perdia o interesse. Aconselhando-o, pouco depois, a contratar facinoras para as noites de Whitechapel, e chineses autênticos daqueles de série dos romances cinematográficos da América, desce-mos do «pullman motor coach» que buzinou com força, qual paquete quando deixa náufragos num pórtico de recurso...

Singravamos agora à vontade. E porque queríamos mostrar feroz quem vive jungido ao trabalho sem ganhos das profissões humildes, a nossa solidariedade moral ia tornando menos tenebrosos os tipos que cruzavam as ruas. Garotelhos ajuntavam-se nas soleiras das portas; nas ruas, grupelhos discorriam;

uma mulher passa junto de nós, insignificante, de andar desmanchado de quem remoe as preocupações que fazem fugases os bens da mocidade. Carregou o rosto com as rugas das privações; gastou o «donaire», a graça, em perseguição a seus sonhos de juventude, a boca emurheceu, talvez de tanto praguejar invejando a vida de outras mulheres que ela conheceu com menos qualidades do que ela, e que conquistaram certamente uma situação melhor. O seu traje negro escorrega-lhe do corpo, tão largo foi talhado ou a tantos outros corpos já serviu; seus cabelos emaranham-se descuidados. Fitando-nos, os olhos traem resignações de animal enfermo; notando que a seguimos pergunta certamente à sua indiferença por tudo, qual será a curiosidade que desperta.

Outras mulheres vão surgindo, de tipo igual. Se não ouvíssemos falar o inglês acreditariamos percorrer ruelas, para nós inéditas, dos bairros pobres de Lisboa. Desapareceu a inglesa de olhos luminosos, translúcidos, riso e juventude de quem recreia os olhos em jardins de perspectivas amplas e ritmisa seu corpo em academias de dança ou salas de gymnástica. A boneca deliciosamente vestida que sai do *tube* envolta em irisações de sêda e que vai gastar as noites na platêa dos teatros ou num baile de hotel, a mulher criança a quem cada minuto sugere

um novo capricho, ou mesmo a dactilógrafa ou a caixeira que alegremente pipilam em Regent Street, o que tem de comum com estas mulheres pálidas, fatigadas, velhas aos vinte anos?

Interroguem-nas. Regressam das fábricas, dos grandes *ateliers*, das oficinas. Como nos séculos recuados da escravidão mental, elas seguiram as profissões de família. Vêm de longe, e, a pesar de exaustas após oito horas de trabalho, a fêria não lhes consente o luxo do *tube* ou do *bus*, que lhes levariam as migalhas que elas juntam para vestir-se. Mesmo, e que pressa têm de regressar a casa, se vão assistir às disputas de quando se divide o pão, que não chega nunca? Ralhos e ditos, o ambiente de família é de temor. Sempre insatisfeito e resmungão, o pai parece querer resgatar as humilhações que suporta na oficina tendo sempre pronto o mau humor que castiga. Todos se encolhem medrosos, e mal êle sai sem despedir-se, quasi, a procurar uns amigos, é a mãe que recomeça as suas lamúrias sabendo que o seu marido vai gastar à mesa ou ao balcão dum *bar*, os últimos *shillings* para o governo da casa...

A vida de suas mães é espelho para elas. Ha-de chegar a hora em que não podendo suportar aquela miséria, elas procurarão entre os rapazes do seu *department*, aquêlle que



As luzes das docas soturnas de Londres, pontilhando o soturno Tamisa

mais se aproxime do seu ideal físico. Com ele farão pequenas excursões até as margens do Tamisa; com ele, aos domingos, irão até aos parques mais vastos e de mais socegadas, por mais numerosas, áleas. Ele terá exigências após o primeiro beijo. Entre os miseráveis o prazer mais fácil é o amor, e ela, para o não perder, concederá a primeira misteriosa entrevista que ele solicitara, primeiro por entre promessas e juras, depois com a exigência feroz de quem vê iludidos seus projectos. Ela irá sem alvoroços, sem rubores, curvada ao seu destino...

Começarão vivendo os dois porque ele cumpre o seu dever de honra, mas nas discussões de que ela foi outrora apenas testemunha, é agora protagonista. O ambiente não muda. Outrora como filha tinha sempre o seu quinhão; agora como esposa cede-o, iludindo a sua fome com promessas de melhores dias. Para conservar seu marido, a tudo se sujeita: continua a trabalhar na fábrica porque a léria dêle é pequena, e ainda à noite, quando regressa ao lar, suporta maus modos e arremessos. Por suas obediências, pelo seu esforço, rugas de dor põem mais e mais tristeza em seu rosto; suas carnes mirraram fazendo mais desgraçadas as vestes que usa e que tem sujeitado a sucessivas transformações...

A família cresce em número e ela obriga-se a repartir o seu quinhão, que mal chegava já. Da fábrica ou de qualquer atelier trouxe mais trabalho, roubando, para essas tarefas extraordinárias da costura, as horas de repouso da noite. Seu marido não repara em mais êsse sacrificio porque havendo ela per-

didado a frescura dos vinte anos que a tornava simpática, outra mulher agora o interessa. Ela tudo suporta ante o pavor de que elle a abandone, e tenha de se entregar a outro homem. Aos domingos bem supplica na igreja, e aos pés da imagem de Jesus, que um pouco de alegria, de bem-estar venha dar-lhe alento, à sua caminhada através de seus sacrificios. Tem mesmo a miragem, vinda da sua dôr e da sua fé, de que Cristo lhe sorriu. Mas nesse mesmo dia, horas depois, seu marido regressou a casa mais exigente do que nunca, ameaçando-a, a declarar que não podia suportar aquêlê inferno de vida. Ela tem obediências de cachorro velho e inútil, que redobram a fúria dêle. O que tentar mais para prendê-lo a si? Para esta interrogação só tem o desafôgo das lágrimas.

São assim as vidas dos bairros da «gente má». É ainda dêles que as fomes, as faltas de trabalho, ou as tarefas mal remuneradas expulsam os vultos femininos que povôam as noites do Hyde Park, lá para os lados de Lancaster Gate. Embiocadas com a escuridão, bocas de voz sumida solicitando magras espórtulas, vendem por todo o preço os beijos que lhes darão no dia seguinte a meia libra de pão. Até as mais miseráveis profissões vivem da escala das aparências, e elas sabem que a sua carne, fornecida a privações, que o seu vestido coçado, que o seu velho chapéu não podem tentar os noctívagos de Piccadilly. Cortezês da sombra, só a sombra lhes consente seu comércio. E o rebanho aumenta, aumenta sem cessar e muito mais agora que a opulência dos outros mais e mais se defende fechando a bôlsa. São ainda

êstes bairros que enchem de noticiário os jornais de Londres.

Exemplos, fotografias morais? muitas! É uma mãe a quem a sociedade recusa amparo, a quem um homem abandonou, a quem não ensinaram mais do que uma profissão de indústria agora em crise, e que, vinda de roldão até à fome, mata seus dois filhos, para que êles não sofram as torturas que ela tem sofrido em meio da indiferença geral. Atenta seguidamente contra a sua vida, mas a vizinhança, que nunca se interessou pelas suas privações, não a deixa morrer em paz, invocando a solidariedade humana e exigindo que ela viva fazendo-a transportar, mal ferida, para o hospital mais próximo!

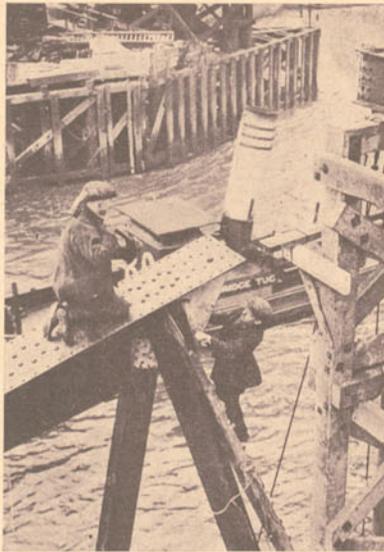
É uma mulher velha e gasta pelo trabalho de quarenta anos ao serviço dum mesmo patrão, e que, despedida por inútil, ameaça e ruge. A polícia, sempre vigilante, prende-a, não vá ela tirar a vida a um industrial que ajuda a prosperidade da Inglaterra,—mas, no dia seguinte, vão encontrá-la morta na prisão. É uma rapariga de olhos inquietos que rouba sua filha ao homem com quem entreteceu seus primeiros amores, e que, a pretexto duma melhor educação porque seria feita com desafôgo de gastos, a justiça resolvera entregar ao pai; é um garoto a quem a mãe, viúva dum operário de quem tomara o lugar na fábrica, havia confiado a guarda de duas criancitas gémeas, e que vai encontrar mortas por asfixia porque êle as cobrira de abafos, para que o seu choro não fôsse ouvido pela vizinhança, enquanto fa brincar com os rapazes da sua idade que, durante muitos dias invejara, lá do alto da

janela de sua casa, livres, entregando-se a cabriolas e folguedos...

E mais, e muitos mais que os periódicos castigam com adjetivos duros de ouvir, apedagados, como estão, à imoralidade duma moral atribiliária, e exigindo castigos severos para que a ordem social não seja subvertida...

Estes bairros formam as legiões da fome. Por cada uma das bocas que a morte fecha, dezenas de bocas surgem entoando ou lamuriando suas desditas. Auxiliada pelas privações, a morte não se cansa de visitar êstes lugares. Parece mesmo ir clamando a cada um: vai-te, para que eu possa dar o teu lugar àquêles que esperam vez!... E novos séres chegam, ninguém sabe de onde, lobos acossados pela fome à procura de redil hospitaleiro.

Com o silêncio cerra-se mais e mais a noite. Amortalhada na sombra o mistério põe interrogações em tôdas as casas, em todos os lares. O que farão, a esta hora, os seus moradores? O que se passará para além de tôdas estas fachadas negras, aqui e além manchadas a vermelho pela projecção da luz duma ou outra lâmpada eléctrica que incide seu foco sobre o tijolo de que são feitas? Que raivas surdas, que dôres, que ódios, que desforços e vinganças planearão estas gentes, cuja existência os poderosos e felizes parecem ignorar ou esquecer?



Trabalhando no terrível mister de reparador de pontes, sobre as docas do Tamisa

## FOTOS ORRIOS

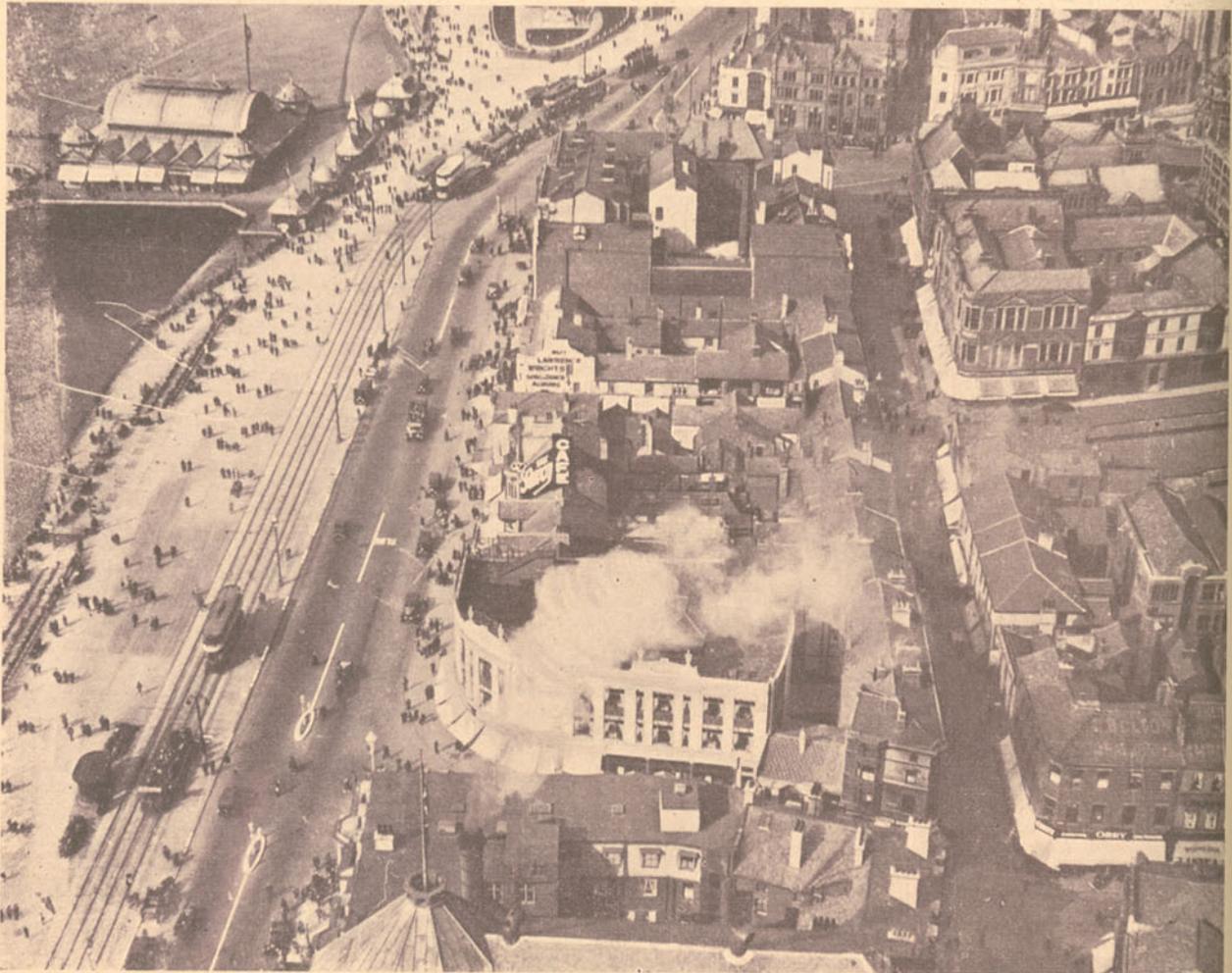
EM BAIXO — Uma zona das docas, vista da Torre de Blackpool

Tôdas estas bocas, ainda hoje sem voz mas trejeitando raivas satânicas, tôdas estas vidas de desespero que se acasalam empurradas pelo egoísmo alheio, e que vão planeando desforços e se consolam umas às outras com suas queixas, estas legiões dos sem trabalho e sem fortuna para quem a justiça social só tem pronta a injustiça e as prepotências que castigam sem remediar seu mal, e serão vencidas, ou irromperão furibundas, conscientes pelo número de que a sua infelicidade e miséria tem de procurar o seu justo resgate? Vemo-las achegadas umas às outras ameaçando tudo e todos porque o sofrimento as levou ao desespero; ouvimo-las pedindo severas contas a quem costumava julgá-las e abatê-las.

Escutem-nas. São séculos e séculos de ódio escabujando desforços, rompendo diques de cobardia. O problema da sua felicidade, tanta vez proposto, em queixumes de animais enfermos, àquêles a quem competia resolvê-lo, e de quem não receberam apenas desdens e ordens de obediência, e não o resolverão êles com a força do maior número?

Chegado êsse instante, não-de compôr hinos de vingança marchando unidos, sorrindo à Vida. E para àquêles que morram pelo caminho, nessa marcha até à felicidade, — até para êsses a morte será a libertação porque sentem que o seu exemplo fructificará.

ASSIS ESPERANÇA.





## O que pensaram alguns visitantes ilustres dos "estúdios" californianos

CAMERON Forbes, o novo embaixador dos Estados Unidos no Japão, é um grande amador de fotografia. Quando visitou os estúdios, mostrou-se muito atento e polido com os directores e artistas; mas passou a maior parte do tempo num canto, com os operadores cinematográficos, fazendo

preguntas técnicas. Forbes tem filmado muitas vistas pela maior parte do mundo, e levou consigo para o Oriente uma complicada máquina cinematográfica completamente equipada.

O Maharajah de Kapurthala mostrou-se um digno administrador dos milhões que compõem a sua fortuna. Foi muito polido e afável para com todos, durante a sua longa visita a vários estúdios, mas manteve-se muito sossegado, cioso da sua magestade. Dominava admiravelmente as suas impressões. Só quando se dirigiu, de automóvel, para a estação, acompanhado pelo artista Robert Montgomery, por um príncipe hindú e pelo seu secretário particular, é que o Maharajah mostrou o que mais particularmente lhe interessava. Quando o automóvel passou por uma rua movimentada de Los Angeles, o Rajah perden a sua calma e começou a falar, muito excitado, na sua língua nacional — o «Punjabi» — com os seus secretários. Notando a surpresa de Montgomery, falou-lhe em inglês, dizendo: Desculpe-me, mas eu estava a interessar-me por aquêl Banco italiano que vejo lá à esquina. Esse Banco é o mais poderoso que existe na Califórnia, não é verdade?

Charles August Lindbergh passará, indubitavelmente, para a história, sem dúvida, como o homem a quem não interessa nada do que se passa nos estúdios cinematográficos. Os estúdios são lugares atractivos, cheios de coisas estranhas e pessoas luxuosamente vestidas. O público, em geral, fica

encantado em poder penetrar por esse portão intrasponível dos centros de produção de filmes. Para Lindbergh, a hora que passou nos estúdios foi apenas mais um dos seus «compromissos». Mostrou-se muito delicado, mas a primeira sombra de interesse que demonstrou no seu semblante foi quando o seu ajudante veio dizer-lhe: «Coronel, já são horas de voltarmos ao aeroplano!»

E isto, a-pesar-de Lindy estar naquele momento rodeado das mais lindas beldades da tela, inclusivé Marion Davies, Joan Crawford, Norma Shearer e muitas outras!

Na verdade, é curioso observar que as impressões das pessoas ilustres que visitam os estúdios cinematográficos não são nunca o que muita gente pensa, pois raramente as suas conversas tomam o curso esperado.

### UM REINCIDENTE

William Boyd, que foi o protagonista aplaudido de *O barqueiro do Volga*, enquanto durou a confecção desta obra de Cecil B. de Mille enamorou-se de Elinor Fair, a sua *partenaire*. Casaram mas ainda durava o êxito do filme quando se deu o divórcio de ambos, por comum acôrdo. E Boyd passou a filmar com Dorothy Sebastian o drama *His First Command*. Pois o amorado galã enamorou-se também da linda *flapper* e com ela acaba de casar em Las Vegas, México... porque ali os casamentos são mais rápidos e não sendo válidos nos Estados Unidos, estão desmanchados logo que se queira, sem despesas de divórcio... É prático...



Lilian Bond, uma deliciosa e escultural artista nova da cinematografia americana

(Foto M. G. M.)

ALVES  
DE  
SAN  
PAYO



## RETRATO

(M.<sup>me</sup> Ramos Pinto)

PAGINAS DE ARTE DE

ILUSTRAÇÃO  
8

UM PINTOR JUDEU

A obra de  
ABRAHÃO  
WALKOWITZ



Auto-retrato de Abrahão Walkowitz



Rutgers Square — Nova York

**T**EM a raça judaica produzido homens eminentes nas ciências e nas artes. O temperamento semita é vibrante e tende sempre a uma originalidade exclusiva e estridente.

Um cientista ou um artista judeu procura em tudo — e nisso estriba a sua aspiração máxima — colocar-se na vanguarda de todo o movimento espiritual.

Há nesta raça um fundo latente ou activo de inquietação aguda que a torna apta para as mais audazes e arriscadas aventuras espirituais.

Em todo o movimento avançado, tanto científico como político, literário ou artístico, figuram homens que trazem nas veias sangue semita.

Uma sensibilidade extremamente fina, subtil receptáculo das mais leves oscilações emotivas, costuma ser a característica peculiar deste sugestivo e disperso grupo humano.

Certamente, esta ânsia indomável de tudo quanto é novidade tem conduzido muitos homens desta raça a envolverem-se com ardor em meros e fugazes intentos, realizados para impôr uma moda destituída de base, perdendo, assim, não poucas vezes, a possibilidade de alguma coisa mais positiva; daí, também, essa superficialidade brilhante ou malabarismo intelectual e estético, que pode apreciar-se distintamente nalguns dêles.

Porém, êsse heroísmo ardente e sustentado para engrossar as filas de qualquer exército progressivo, constitui, sem dúvida, uma atitude de ética superior e louvável, que tem

dado e seguirá dando, em qualquer caso, óptimos frutos, além do singular exemplo que oferece, para todo o homem consciente e sensível, semelhante atitude.

Este desassossego íntimo por um futuro

incerto e confuso, envolto em névoas longínquas; êste desejo ardente de avanço; esta preocupação angustiosa — e às vezes dramática — de realizar o que está por realizar, junto a uma fé, acaso um tanto ingênua e cândida, em revoluções bruscas e em achados insuspeitos, são coisas específicas do temperamento judaico.

Lembrando os maiores valores que tem dado ao mundo a raça semita, observam-se facilmente as características mencionadas. Bastará, talvez, recordar os nomes de Carlos Marx, de Disraeli, de Max Nordau, e, mais modernamente, de Freud, de Trotski, de Ravel e de Charles Chaplin, para se chegar a essa consequência.

Cada um desses homens representativos, em maior ou menor grau e dentro da sua actividade respectiva, destaca um agudo perfil com todos os atributos da sua raça: re-



On promenade



Bathers

beldia, paixão pela originalidade, desejo irremediável de singularizar-se. Alguns deles, como Max Nordau, que alcançou na sua época extraordinária celebridade, encontram-se actualmente em baixa, pulverizados por



Isadora Duncan

uma crítica implacável e certa; as suas teorias e os seus livros, que tanto deram que falar há alguns anos, estão agora no esquecimento. Max Nordau foi, com efeito, uma personalidade brilhante e, à simples vista, sugestiva; porém, não cimentada numa ampla base científica. Talvez Freud, o discutido professor de Viena, corra um iminente perigo de seguir o mesmo caminho.

No entanto, C. Marx, a-pesar-de combatido e execrado, não só pela burguesia como tam-

bém pela social democracia de todos os países, continua sendo o genial animador e expositor do Socialismo científico.

O certo é que da raça judaica têm saído homens extraordinários em todas as actividades humanas. Há, porém, uma arte — a arte pictórica — onde os semitas não têm logrado destacar-se com um traço tão vigoroso.

Parece que esta raça não sente grandes inclinações para o cultivo da plástica, segundo faz notar Camilo Mauclair, crítico, por outra parte, um tanto estreito e limitado para julgar fenómenos de arte nova.

Mas, podem citar-se alguns nomes ilustres, como Pizarro, Israel e o próprio Soutine, pintor, este último, de autêntica e lograda originalidade.

Queremos falar um pouco neste artigo de um pintor judeu, Abraham Walkowitz, de um interesse muito marcado e digno de nota, notável, sobretudo pelo ímpeto dionísio e vital, pelo sentido pânico que emana das suas telas e seus desenhos, nos quais campeia, gloriosa e triunfante, uma plétora avassaladora de vida integral e primitiva.

Pintor de grandes massas harmónicas



Nude



Picnic



A Family Group

Pinta com os olhos infantis, de uma infantilidade humana e sincera; por isso, a sua pintura é fresca, pródiga e optimista.

A retina deste pintor está isenta de tórbidas veladuras; vê a sinfonia esplêndida da natureza como através de um cristal límpido, isto é, mais pura ainda do que ela é na realidade. Natureza física e humana fundem-se numa harmonia serena e atraente. De toda a obra de Walkowitz ressalta uma plenitude sobrecarregada de melodia. Força e serenidade; ímpeto equilibrado; ou seja, clássico e moderno. Aqui não se esquivam os eternos imperativos da arte pictórica, nem sequer os mais árduos e difíceis. Este pintor é honesto e honrado: consciencioso na intenção e no processo. Por isso a sua pintura é consistente e pura, sem retorcimentos e sem enganos; pintura que entra pelos olhos e cumpre à maravilha o seu cometido de arte sensual e deleitosa. Pintura isenta de literatices e locubrações cerebrais, pintura fresca e sã: pura.

A arte de Walkowitz é bela e exaltante como uma força transbordada de natureza.

Nestes quadros abérrimos, colmados de plenitude, alcança a pintura a sua egrégia estirpe de arte autónoma e independente,



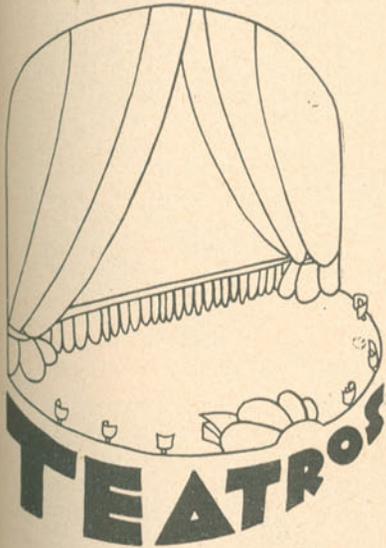
Interior

capaz de provar por si só, em quem a contempla, uma reacção de conteúdo estético.

¿Acaso nos é dado exigir mais a um pintor?

viçosas, cheias de seiva e de ritmo, em Walkowitz não há artifícios perturbadores da sua técnica limpa, espontânea e potente.

FRANCISCO PINA MADRID



A nossa secção limita-se, hoje, à inserção duma das grandes cabeças do teatro contemporâneo, a incomparável fantasta Mistinguett, a vedeta que, está para Paris, como a Torre Eiffel ou a Praça da Concórdia, no plano de monumento imprescindível. E não se veja, nestas palavras, um fácil sarcasmo apontado aos cinquenta anos gloriosos da possuidora de «as pernas mais lindas de Paris», idade bonita que a pouco simpática senhora Cecília Sorel já ultrapassou, dizem, há muito, com muito menos alegria e... até juventude. Porque Miss, como lhe chamam os parisienses, conserva-se eternamente jovem e eternamente sedutora e jovial, ela que é uma das mulheres mais feias da França. Mas, ainda assim, velha, feia, epigramática, má língua, caprichosa, ela consegue irradiar a mais alta simpatia, electrizar as plateias, só com o riso fresco e



Mistinguett, a rainha do Music-Hall de Paris

comunicativo da sua dentuça magnífica, o gaiato piscar dos olhitos piscos, os requebros, a *verve*, a *gavrocherie* inimitável que possui por direito próprio de rainha do espirito popular de Paris imortal. Porisso ela forma, com Maurice Chevalier e Josephine

Baker, a trindade indiscutível do *music-hall* mundial, três pessoas distintas mas um só cartaz verdadeiro; um cartaz que faz esgotar os bilhetes da maior sala de Paris durante dois anos consecutivos.

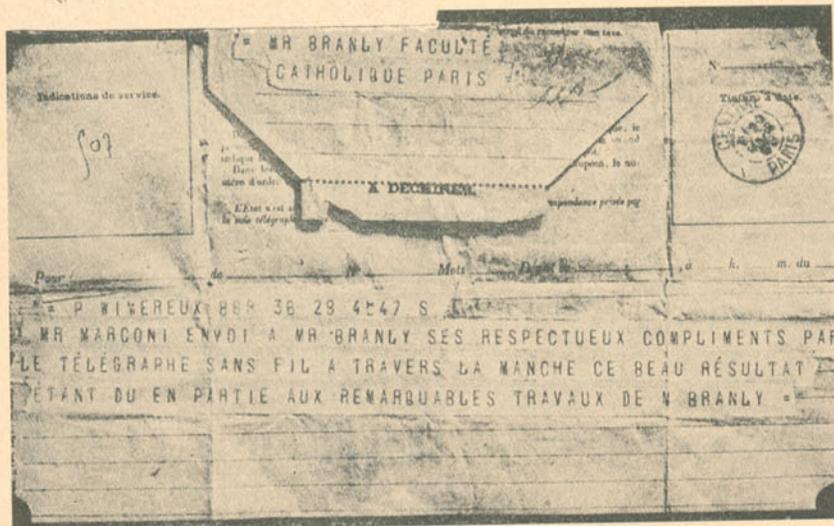
TALMA.

## S. O. S. NA PAZ E NA GUERRA

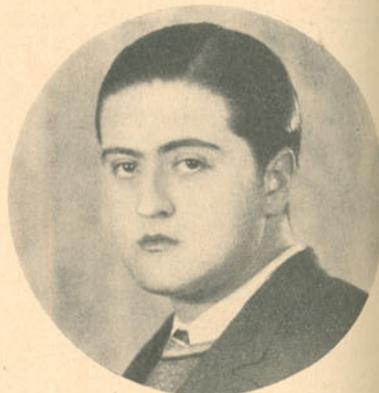


O grande público desconhece a magia das iniciais S. O. S., apreciando a rádio apenas pelo prazer que lhe proporciona fazendo-o ouvir músicas, que parecem vir do céu, entrando pela sua janela através da antena.

As cabalísticas iniciais S. O. S. a que se atribui a significação inglesa *Save Our Souls* (salvai nossas almas) constituem a esperança



Locutores europeus — Kuno Gurensen, de Copenhaga



Locutores europeus — Angel Molina Alcaraz, de San Sebastian

A propósito do artigo que publicamos no número anterior da *Ilustração* recebemos uma carta que pretende atribuir a Marconi a descoberta da T. S. F.

Reproduzimos o rádio-telegrama que Marconi enviou ao prof. Ed. Branly no célebre dia da experiência da travessia da Mancha, 28 de Março de 1899.

Este rádio é bem eloquente.

Não diminuímos o mérito científico de Marconi aproveitando a reunião de elementos individualmente conhecidos.

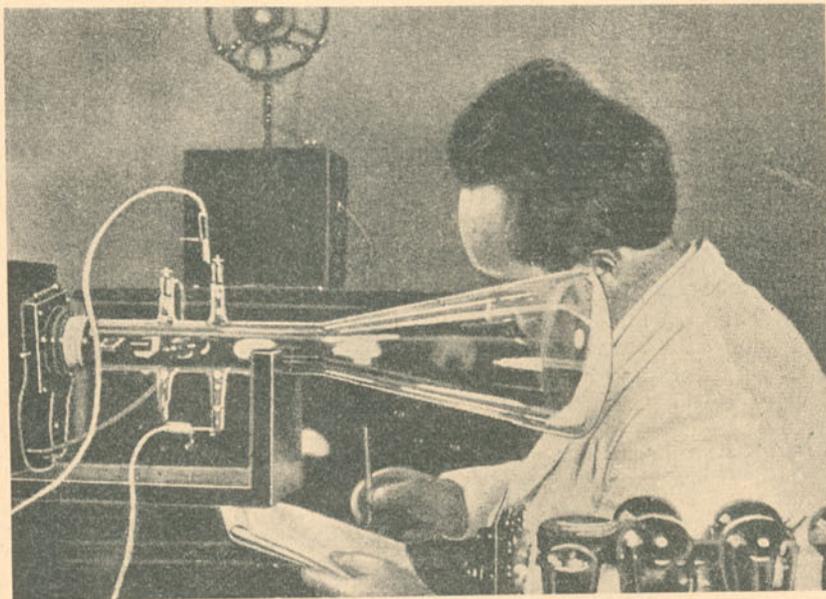
*Chacun à sa place.*

dos naufragos, a salvação da vida em perigo.

Ninguém calcula a emoção que domina o telegrafista que no alto mar, comodamente instalado na sua cabine, recebe o apêlo de socorro: S. O. S.

Uma vez verificada a distância a que nos encontramos do barco naufragado ou em perigo, a nossa ansiedade aumenta proporcionalmente a essa distância.

Quando reconhecemos que o naufrágio se está dando a 500 ou mil milhas, bate-nos o coração agitado ao extremo por nos sentir-



O engenheiro alemão Hans Vögt no seu laboratório particular, investigando a qualidade da tonalidade do seu novo alto-falante



Locutores europeus — Marja Smolenska, de Cracóvia

mos impotentes de contribuir para o seu salvamento e ao lembrarmos-nos que só com dois ou três dias de viagem o barco onde nos encontramos se poderá aproximar do local do sinistro.

Ao ser lançado o sinal S. O. S. tôda a navegação deve cessar as suas emissões. E, então, é curiosíssimo verificar que, no Oceano que se encontra pejado de barcos, trabalhando continuamente com a T. S. F. fa-



Locutores europeu — Hintz, Rado e Scherz, de Budapest

Como nos consola ouvir aqueles que mais perto andam, responder: *Chegaremos aí dentro de 6, 8 ou 12 horas!*

O telegrafista, aturdido, grita com tôda a força dos seus pulmões: *o barco vai a pique*

chegar ao seu pôrto de destino. Na direcção da prôa, a bombordo ou estibordo vinham S. O. S. constantes que obrigavam os comandantes a mudarem de rumo para se furtarem ao fatal encontro do submarino que muitas vezes estava operando a vinte ou trinta milhas na rota que o navio devia seguir.

Os socorros estavam, então, entregues aos navios das esquadras e os barcos que ouviam o S. O. S. afastavam-se em vez de se aproximar.

Quantos navios se teriam salvo milagrosamente por êste processo?! A infelicidade de uns salvava outros.

Como por encanto surgiam de todos os lados os navios de guerra que formavam em linha *varendo* o Atlântico em procura dos naufragos, se ainda existiam, ou dos submarinos mortíferos que desapareciam num efeito de mágica.

ÁLVARO CONTREIRAS



Locutores europeus — J. Miret, do E. A. J. I., de Barcelona

zendo o mais ensurdecedor ruído nos telefones do telegrafista, todo o ruído cessa como por encanto.

Bastam cinco minutos apenas para se observar que milhares de estações de bordo deixaram de funcionar e aos nossos telefones vêm apenas o ruído curto de um atmosférico ou detalhes do barco sinistrado.



Locutores europeus — Lena Meyerholdowa, de Cracóvia

*dentro de um quarto de hora e temos quinhentas pessoas a bordo.*

E passados minutos não se torna a ouvir a telegrafia sem fio do vapor X. Emudecendo, compreendemos que tudo ali acabou. Que tragédia se passará para além do nosso horizonte?

No tempo da Guerra os S. O. S. eram mais freqüentes. Ao norte do paralelo de Gibraltar, era vulgar ouvirem-se diariamente oito ou dez S. O. S. dos barcos atingidos pelos torpedos dos submarinos ou atingidos por mina.

Um barco que se dirigisse para a Mancha tinha de zig-zaguear todo o dia se quizesse



Toresky, do E. A. J. I., de Barcelona



Locutores europeus — Edith Scholz, da Norag, de Hamburgo

# MOTODES



A original entrada do «Salon» de Berlim

(Foto Orrios)

## As grandes exposições de Automoveis

### O "SALON" DE BERLIM

**T**ERVE lugar no passado Fevereiro o *Salon* de Berlim. Todos os países que contam na sua indústria a dos automóveis, têm por dever e por necessidade, a apresentação das suas marcas numa grande exposição anual. Assim estão, Paris, Londres, Nova York, Bruxelas, Berlim, etc.

Nelas são os industriais fabricantes de automóveis os mais interessados. São também os que para elas mais directamente concorrem.

Em outros países, tal qual o nosso, onde a indústria do automóvel não existe, mas onde, em compensação, o seu comércio de importação se faz em larga escala, os *Salons* só indirectamente visam o fabricante, levados a efeito pela necessidade do agente ou representante de automóveis estrangeiros.

Assim, os *Salons* de Copenhague e de Genebra, cidades de países onde a indústria automobilística é nula ou quasi, realizados quasi a par do de Berlim, de que agora, sucintamente nos ocupamos.

Novidades apresentadas e que não sejam do conhecimento público pelas resenhas das Exposições de Paris, Londres, etc., nenhuma. Nota-se a confirmação da tendência já observada de uma reunião de forças e uma

concepção de carros para bater a concorrência americana.

Verifica-se a generalização dos motores a óleos pesados nas camionetas e nos grandes camiões, sobre tudo.

De resto, a roda livre, transmissão às rodas da frente, velharias, já. Dos carros pequenos aumentam os construtores, à seme-

lhança do que se está dando em outros países, até na própria América.

Um alemão, de grande nomeada, o *D. K. W.* expõe dois e quatro cilindros. Estes carros caracterizam-se pela transmissão dianteira, com rodas independentes e pelo preço, 1.680 marcos, um *cabriolet* de 2 lugares.

Outro automóvel pequeno que o público notou, o *Stoewer*, também com rodas independentes e transmissão à da frente, para preço pouco superior ao *D. K. W.* de 2 cilindros.

A par destes, o inglês *Rolls-Royce* ostentava orgulhosamente a etiqueta de 45.000 marcos!

Na categoria dos 8 cilindros, número em moda, o *Stoewer*, *Audi*, *Hörch*, *Adler* e ainda o *Roehr* que a-pesar de munido de aperfeiçoamentos só dados a carros de preços altos, se vende ao público por 8.600 marcos.

Notável e atraindo grande público, o *Maybach* de 16 cilindros, motor idêntico aos do *Graff Zeppelin*.

A notar também a disciplina e ordem, inteiramente alemãs, como os diversos *stands* se alinhavam, com a correcção dum regimento em parada.

### A arte de bem conduzir todo o automóvel — Conselhos aos recém-examinados

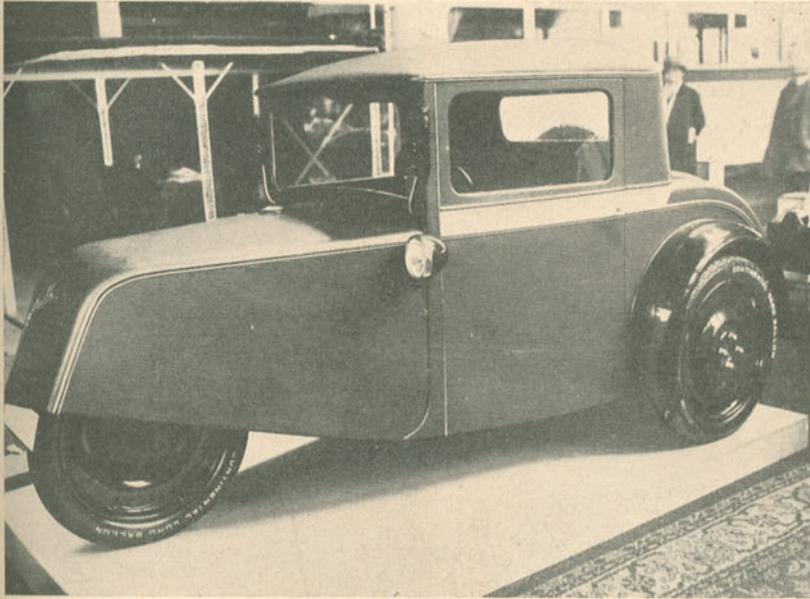
Evitar os acidentes, com prejuizo dos outros ou de si próprio, ou ainda de ambos, eis a primeira regra que o principiante deve escrupulosamente observar, eis o objectivo, puramente negativo, a atingir.

Obtida a carta, após um mês de lições pelas terras de Campolide e ruas da baixa e



Vista de conjunto da grande Exposição de Berlim

(Foto Orrios)

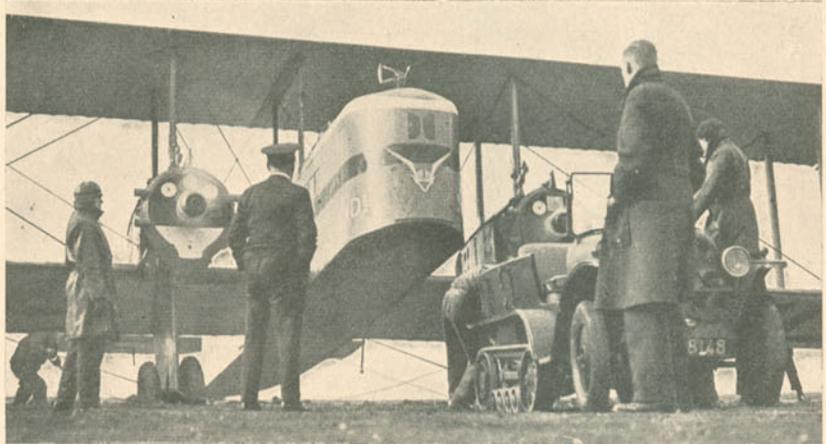


Uma das curiosidades do «Salon» de Berlim — O «Goliath», o mais pequeno auto do mundo; motor de 1 cilindro, 5 CV., custo 1.400 marcos (Foto Orrios)

umas passagens de olhos pelo Código da Estrada, não deverá julgar-se o *neófito*, *chauffeur* completo, senhor do seu carro e dos seus nervos. Não. Tende calma.

Calma a veicidade de te julgares apto a bem conduzir. Calma a tua vaidade, que não deverá ofender-se por outros te passarem à frente. Calma o orgulho nos cavalos do teu automóvel a não os julgues de mais puro sangue que os dos outros. Calma nos nervos aos mil e um incidentes da estrada. Espremidas estas manifestações da calma, resultará isto: — anda devagar.

Todos os movimentos necessários a manter o automóvel na sua boa linha, para travar bem a tempo diante dum perigo, para o fazer acelerar convenientemente, para efectuar as mudanças bem a tempo, etc., etc., todos estes movimentos deverão fazer-se sem prévia reflexão, e passarem, pois, ao estado de reflexão.



Turismo aéreo. Um dos pequenos «Chenilles» que movimentam os grandes aviões de carreiras no aeródromo de Crossdon (Foto Orrios)



Outro aspecto da grande nave do «Salon» de Berlim

(Foto Orrios)

Para que um cérebro, pouco habituado a este trabalho, para que a vossa razão possa intervir a tempo de julgar uma situação e resolvê-la com a precisa rapidez, para prever as precipitações catastróficas ao despontar dum imprevisto, é necessária prática, e esta só poderá dar-vos a senhoria absoluta dos nervos, após alguns milhares de quilómetros por estradas e ruas.

E até lá, calma, calma, devagar, devagar!

Claro, este devagar, é relativo; 50 quilómetros à hora, deixai mesmo que o ponteiro chegue aos 60 quando a estrada é boa e a curva está longe; entrai nesta devagar, tirando o pé do acelerador ainda longe dela, a 30, não mais, aconchegando um pouco o travão se necessário for e só carregando de novo no acelerador a meio dela e com campo visual livre.

Notar que o *klaxon*, o apito ou o simples *paço seco* não se fizeram somente para prevenção dos indivíduos visíveis.

Ao encetar a curva, conservar o mais possível a *mão* e tocar, pois que do lado de lá está o imprevisto. O qual imprevisto pode ser um rebanho, uma teimosia entre um burro e a senhoria salaia sua dona, uma

pachorrenta carroça que vai no vosso sentido, ou ainda um colega maluco que venha a todo o pano sem se importar com a *mão* que lhe cabe.

Devagar, devagar, e nos casos bicudos, não vos feis no vosso golpe de vista e na vossa presença de espírito, que uma e outra estão ainda *verdes*; estacai o carro pela acção dos travões e haverá tempo para desfiar a meada. Cuidado com aquelas subidas em montanha russa cujo cimo nos não deixa ver nada da descida. Atenção nas voltas à esquerda; mais devagar ainda, e uma rápida vista de olhos para trás; se alguém vem próximo, que passe, mesmo que para tal seja necessário parar. Se vem longe, braço de fóra e seguir caminho se a frente está livre.

A máxima cautela em ultrapassar. Esperar por uma recta livre; aproximai-vos de quem pretendes ultrapassar e tocai o *klaxon* até haver a certeza, ou pelo menos a boa presunção de se ser ouvido; tome-se o centro da estrada um bom bocão antes do carro a passar e só se retome, à direita, um outro bom bocão depois de feita a ultrapassagem.

E sempre devagar, devagar!...

R. LACERDA.



Ele: — Venho já um pouco tarde, minha senhora, fazer-lhe hoje a minha visita... mas... mais vale tarde do que nunca, não é verdade?  
Ela: — Hum! Nem sempre.

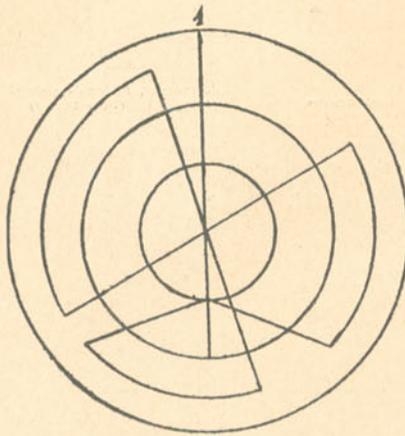
**PORQUE SIGNIFICA LUTO  
UMA BANDEIRA  
A MEIO PAU?**

O uso de descer uma bandeira até meio da haste, em sinal de luto, vem do mar. A derrota nas batalhas navais, foi durante muitos séculos assinalada pelo acto de baixar a bandeira do navio vencido, colocando acima dela a do vencedor. Dessa forma, a bandeira descida passou a ser um símbolo de perda e desgosto.



**SEM LEVANTAR  
A PENA**

(Passatempo)



Partindo do número 1, seguir tôda a figura, sem levantar a pena nem percorrer duas vezes a mesma linha. É conveniente assinalar por meio de números a direcção que se fôr seguindo.

**FALTA DE INSTRUÇÕES**

A mãe: — Eu não te disse que recusasses, Isabelinha, quando te oferecessem doces, pela segunda vez?

Isabelinha: — Pois recusei, mamã, mas ofereceram-mos pela terceira vez, e para êsse caso a mamã não me tinha dito nada.

Estela: — A Fernanda tem, pelo menos, vinte e cinco anos.

Graziela: — Ela nunca to disse, pois não?

Estela: — Assim, directamente, não; mas disse que uma rapariga nunca devia casar antes dos vinte e seis.

O professor: — Tome sentido, que precisa trazer os seus temas mais bem escritos e com menos erros.

O rapazito: — Eu bem digo ao meu pai, mas êle não tem tempo para os escrever melhor.

**EM CASA DO MÉDICO**

— Meu caro doutor, venho agradecer-lhe os seus bons serviços, e ao mesmo tempo pedir-lhe...

— A conta dos meus honorários, não é verdade? Aqui a tem.

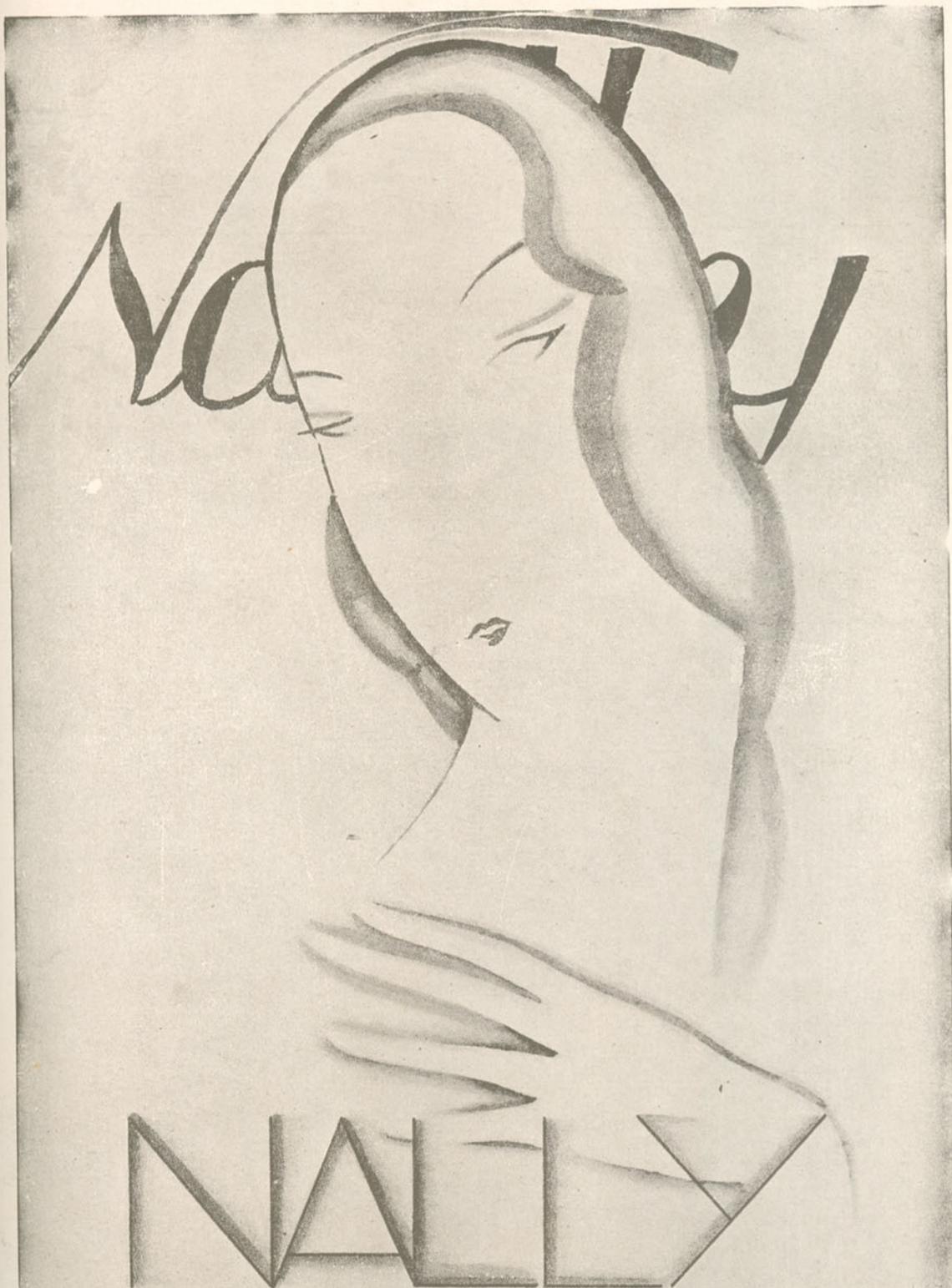
— Mil e quinhentos escudos! — exclamou o doente. — Com franqueza, não julgava que tivesse estado tão mal!



O marido (chegando tarde a casa): — És capaz de adivinhar onde tenho estado?

A mulher: — Sou; mas conta lá a pèta que tens para contar, anda.

Estão vendo aqui a passagem dos modelos; procurem o gerente da casa e mais cinco manequins que êles ali estão e hão-de vê-los também.



MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA  
OS MELHORES PERFUMES  
OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAS DE NALLY

de Espinola

# 100 Kms. por hora sem novidade no motor



Foram, recentemente, levadas a efeito várias experiências que demonstraram que o «Mobiloil», assegura a lubrificação perfeita de automóveis lançados a uma velocidade horária de 100 quilómetros durante muitas horas consecutivas.

Assim, por muito grande que seja o esforço a que um dado motor moderno é submetido, nunca o poder lubrificante do

«Mobiloil» é afectado, pois a qualidade deste lubrificante, constantemente melhorada e aperfeiçoada, oferece uma grande margem de segurança.

Pode V. Ex.<sup>a</sup> pois, sem apreensão exigir do seu automóvel um grande esforço, desde que o motor seja lubrificado com o tipo de «Mobiloil» para êle indicado na Tabela de Recomendações MOBIL OIL.



## Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

VACUUM OIL COMPANY